



- entre  
ELAS -

Jo A-mi  
(organizadora)



## AGRADECIMENTOS

*A todas às artistas grafiteiras;*

*Às escritoras convidadas;*

*Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), da Unilab.*


## Sumário

APRESENTAÇÃO	3
CIDA FONSECA	7
DONETA FRANCISCO ANTÓNIO	10
GLÍCIA MAIA	14
JAÍNA ALCÂNTARA	18
JANDIRA DALA	22
JO A-MI	31
JOÉLIA RODRIGUES	34
LÍLIA COSTA	37
MARINA TCHUDA BLABAM	43
MYKEL DODÓ	47
RAQUEL SANTOS	53
SILMARA LANAI	57
SUZANE KELY DIAS SOUSA REMÍGIO	67
ZI REIS	82
CATÁLOGO DE GRAFFITI	85


## APRESENTAÇÃO

- entre ELAS -


é um livro-literário-catálogo ou livro-catálogo-literário produzido a partir de uma pesquisa-intervenção intitulada Arte urbana e mulheres em Fortaleza-CE: imagens que contam, realizada entre 2021 e 2022, sob minha coordenação e colaboração da bolsista Jandira Dala (PIBIC/Unilab) e Marina Tchuda (bolsista voluntária). Como artista visual, escritora e professora-pesquisadora tenho vivenciado, nos últimos anos, experiências em Arte Urbana produzidas por mulheres. Compreenda-se “Arte Urbana” como uma categoria de estudos e pesquisas a abranger diferentes linguagens artísticas (graffiti, muralismo, performance, malabarismo, etc.) nas cidades, em modos/formas/conteúdos que se problematizam com as contradições sociais e econômico-culturais aí existentes: "sua efetivação porta relações de força sendo exercidas entre grupos sociais, entre grupos e espaços, entre interpretações do cotidiano, da memória e história dos lugares urbanos. Potencialmente (sobretudo quanto às obras de caráter temporário) pode configurar-se em um terreno privilegiado para efeitos de choque de sentidos (negação, subversão ou questionamento de valores)" (Vera Pallamin, em Arte Urbana, 2000, p.24). Ocorre que acompanhar as desfronteirizações entre trajetórias de vida e trajetórias artísticas (com graffiti, pixação e muralismo) dessas mulheres têm mudado profundamente minha maneira de pensar e fazer pesquisa em



artes; de outro modo, tenho compreendido que assim como escolhemos a pesquisa que queremos construir, a pesquisa também nos escolhe. Foi assim que minha intenção, nos idos de 2015 - quando dava os primeiros passos sobre os significados artísticos e histórico-sociais da arte urbana no Maciço de Baturité - CE (visitando cidades da região, acompanhando e propondo projetos sociais, fazendo o documentário intitulado No Ceará dos grafites, sobre a prática de graffiti no Ceará) - foi atravessada por uma inquietação trazida por uma das interlocutoras entrevistadas: a exclusão e pouca participação de mulheres na cena do graffiti, no Estado do Ceará. A inquietação tornou-se uma provocação, e a provocação propostas de pesquisas a permearem meus estudos nos Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/Unilab), Programa de Pós-graduação em Artes (UFC) e Estágio de Pós-doutoramento (UFMG). Contando com um acervo selecionado de quase 4000 fotos e 60 horas de imagens capturadas em vídeos, além de produção de artigos, videoarte (que tem por título na pele, da rua), procurei aprender sobre a produção de personagens e suas interconexões artísticas. E o que são personagens no mundo do graffiti? Personagens são imagens/desenhos figurativos que são repetidamente usados nas ruas por artistas (de quaisquer gêneros) como marcas autorais e territoriais. No caso específico de mulheres artistas, tenho acompanhado a construção de personagens que vêm se concretizando em imagens diversas de mulheres (rostos, corpos individualizados ou em coletivos femininos; mulheres de raça e etnia diversas, pertencentes à



comunidade LGBTQ+, mães, pixadoras, grafiteiras etc.). Alguns desses personagens têm se repetido ao longo dos anos, outros se metamorfoseado em suas estruturas figurativas originais (mudanças sutis nos rostos, na cor da pele, no tamanho e assim por diante), além da construção de personagens inéditos. Nesse ínterim, comecei a me perguntar: que histórias circulam/circundam esses personagens - sob o ponto de vista artístico-literário? Ora, os processos de criação interartes - enquanto lugares/caminhos de experimentação com o outro, pelas melodias de vozes que falam por meio de experiências tão ad-versas, tornando palpáveis afetações estético-técnicas - permitem o trânsito entre a potência provocadora de personagens criados pelas artistas e a criação de cifras poético-literárias produzidas por intermédio dessas afetações. Passar por esses trânsitos, criações e afetações, isto é, realizar a pesquisa em artes Arte urbana e mulheres em Fortaleza-CE: imagens que contam significou também acolher planejamentos ora corroídos, ora estabelecidos. Corroeram-se: primeiro, o fixar do gênero literário para a publicação - pois no projeto original tinha-se no “conto” o formato literário estabelecido. Ao longo do trajeto com as escritoras, porém, esse formato foi se tornando mais plástico, fluido; depois, havia a intenção de lançarmos o livro no segundo semestre de 2022, entretanto, fatores de cunho pessoal e financeiro impossibilitaram a efetivação dessa demanda; por fim, a intenção dessa publicação era trazer/fazer um diálogo entre mulheres grafiteiras e mulheres escritoras, a partir de linguagens artísticas diferentes: de um lado, graffiti; de outro,



literatura. Ocorre que uma das escritoras participantes iniciou, após produção e entrega de conto, processo de mudança de gênero. A inserção dessa produção literária no - entre ELAS - expressiu, também, o entendimento do lugar fluido no qual os gêneros se (re)significam. Por sua vez, estabeleceram-se: seleção de imagens/desenhos de artistas recolhidos nas ruas e em redes sociais; momento de partilha de experiências em encontro de acolhimento das escritoras convidadas; e oficina literária, desenvolvida por mim, com proposições técnicas de escrita e apresentação das produções literárias até ali desenvolvidas. Desse processo, nasceram textos literários autorais (contos, poemas, epigramas, escritos híbridos) inspirados em graffiti (cuja coletânea chamei de “Catálogo de Graffiti”) produzidos por escritoras na cena de Fortaleza-CE. Por fim, desejo e agradeço: desejo que todas/os/es as/os/es leitoras/es possam apreciar livremente esse livro (que foi concebido sem fins comerciais ou sob qualquer financiamento); e agradeço a todas às mulheres participantes-protagonistas dessa experiência (escritoras/es e artistas), ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica/PIBIC (da Unilab/Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira) e às demais pessoas que direta, ou indiretamente, construíram esse longo caminho comigo.

Janeiro de 2023.

Jo A-mi



## CIDA FONSECA

Artista Visual- Poetisa, Mestranda em Artes – UFC.

Idade: 67.

Livros de Poesia: *Em Silêncio* (em parceria com Marisa Biasoli) e *Síntese de Mim*.

Participou de Exposições em espaços públicos e privados.

Contato: [cidafonseca1@hotmail.com](mailto:cidafonseca1@hotmail.com)

## LYLI MENINA<sup>1</sup>

Era uma vez uma menina chamada Lyli, ela gostava muito de artes, vivia devorando o livro que tinha figuras, imagens das obras dos grandes mestres, sonhava em viajar o mundo e visitar museus para ficar de cara a cara com seus admirados... O tempo passou, Lyli ficou adolescente, depois jovem e precisou trabalhar; (esqueci de dizer que Lyli era de família pobre e precisava trabalhar duro para sobreviver e ajudar os seus pais e irmãos). Mas seus sonhos estavam guardados no seu coração, quem sabe uma hora dessas a sorte brilharia ao seu favor, quem sabe comprando um *totolec* se sobrasse algum dinheiro e ela viajaria pelo mundo a desbravar os museus e seus habitantes.

Lyli não concebia outra arte senão os clássicos, renascentistas, impressionistas, modernistas tudo o que cabia nos museus que seus olhos exploraram durante a vida, tudo e nada mais além disso.

Um certo dia, no caminho para o trabalho, ela resolveu olhar para os lados e se deparou com muros pintados e mais além de mulheres pintando muros, ela ficou pasma... Como poderia existir isso assim a céu aberto? Não se espantem, lembrem, ela só olhava para as obras de artes do museu, embora não se viesse em nenhuma delas ... De repente, *boom!!!!* Ela estava ali em cada uma daquelas pinturas dos muros, ela viu seu cotidiano estampado nas paredes, suas lutas, sua dor, sua alegria...

Um dos grafites que lhe chamou bastante atenção foram duas mãos quase se

---

<sup>1</sup> Texto literário inspirado na *Figura 26* (ver: Catálogo de Graffiti).

tocando. Veio-lhe à mente a pintura de Michelangelo que está na Capela Sistina, isso parecia de repente um divisor de águas...

Lyli continua a amar os grandes mestres e suas obras e muito mais seu coração - cofre de grandes sonhos - guarda também agora os mestres e as mestras que enriquecem os muros com seus grafites cantando, gritando o cotidiano.

DONETA FRANCISCO  
ANTÓNIO

Mestranda em Ciências Sociais pela UFJF

(Universidade Federal de Juiz de Fora).

Contato: [doneta.francisco@estudante.ufjf.br](mailto:doneta.francisco@estudante.ufjf.br)

## UMA VOLTA A MINHA INFÂNCIA<sup>2</sup>

Hoje Maria voltará a sua infância, pois teve sempre esse desejo, mais nada a fazia voltar. Passando pelas ruas de Fortaleza, Maria se deparou e se encantou com alguns grafites e pichação. Uau, que tudo! - exclamou ela. Através de algumas imagens e escritas, ela decidiu voltar a sua infância e lembrar a história que ouvia sempre da sua mãe, avós e tias, sobre o papel que ela teria quando crescesse e fosse uma mulher, esposa e mãe de família.

Maria vem de uma família tida como tradicional, onde seus princípios não devem/podem ser quebrados. Ela foi ensinada desde pequena que quando crescesse seria uma mulher com esposo e filhos; que não, necessariamente, precisaria estudar tanto, pois ela seria uma dona de casa. Apesar de ouvir sempre os mesmos argumentos, ela não estava convencida disso.

Maria sempre teve um sonho, ser independente, estudar e se formar – não, necessariamente, precisaria de um homem. Começou a trabalhar cedo para pagar seus estudos e começar a construir seu sonho. Aos 21 anos decidiu entrar na faculdade em um programa de estudos, no estrangeiro. No decorrer da sua formação, Maria começou a ler vários textos, principalmente de autoria feminina. Ela começou a observar e entender que as suas convicções sobre o conceito de ser mulher estavam certas. Ela passou a entender melhor sobre seu lugar de fala e onde ela estaria como profissional. Esses estudos foram primordiais: hoje Maria estuda sobre gênero. Hoje Maria é formada, feminista e

---

<sup>2</sup> Texto literário inspirado na *Figura 13* (ver: Catálogo de Graffiti).

casada com uma mulher. Luta por um mundo de reconhecimentos sem preconceitos em que todos vivam na base do respeito.

Por uma imagem e escrita, Maria viajou no tempo e reescreveu sua linda história.

## P R E T A<sup>3</sup>

Preta, com olhos grossos, lábios carnudos e uma bunda avantajada! Assim é uma mulher preta. Por muito tempo ouvi dizer que o preto é feio, não presta. Pior em se tratando de uma mulher preta.

Hoje, quero falar do quanto somos livres, leves e lindas.

Sou a Sara, mulher preta, periférica que ingressou numa universidade pública por mérito próprio e muito sacrificio. Desde que me considero como gente, soube logo que ser mulher é algo difícil. Posteriormente, descobri que estava num mundo machista, racista e que não bastava sofrer por ser mulher: eu tinha que sofrer também com racismo, preconceito e outros abusos que só uma mulher preta saberia descrever.

Os meus lábios sempre foram carnudos, a minha bunda muito avantajada, os meus seios bem redondinhos como uma maçã e mesmo com essas “qualidades” o mundo ocidental não os valoriza - mas se eu fosse branca talvez seria padrão. Eu disse talvez, porque na minha época ter lábios grandes era um problema, hoje no século XXI, todo mundo quer ter! Oh, época difícil a minha!

Não vim aqui para falar de dor e culpa. Hoje, o mundo está desigual e acredito que cada um pode fazer melhor e valorizar qualquer pessoa. Diante de todas as dificuldades, abusos e preconceitos, aprendo que não preciso de aprovação para me sentir bem e ser feliz. Enxergo a vida com meus próprios olhos.

---

<sup>3</sup> Texto literário inspirado na *Figura 14* (ver: Catálogo de Graffiti).

## GLÍCIA MAIA

Psicóloga, artesã, gateira, servidora pública, mestre Interdisciplinar em Humanidades. Pesquisa e se interessa pelas temáticas de Gênero, trabalho e artesanato. É brincante em escrita poética, pintura e escultura.

Contato: [sgliciam Maia@gmail.com](mailto:sgliciam Maia@gmail.com)



## O PÃO<sup>4</sup>

Andaluzia está imersa em seu tempo! Acorda no dia que podia ser já tarde ou noite... Não é sabido por que as luzes da cidade nunca apagam! O céu acinzentado de poluição, o clima diferente do costumeiro há alguns anos não revela as estações. Há tensão condensada no ar e nenhuma pista sobre quantas horas vividas... A rua não para com o frenesi dos carros, buzinas insurgentes, urgentes negócios, a corrida para sobreviver que nunca cessa... Assim, no ritmo da cidade, ela urge em necessidades e sai!

Sei que fora e dentro de si ela tem assuntos a resolver. Pautadas ou esquecidas há palavras a se dizer. E ninguém espera que haja tanta vida nesta mulher vista em silêncio.

Ela cruza as ruas com passos cuidadosos. Pés pequenos nas sandálias de dedo coloridas ultrapassam calçadas irregulares e estreitas. O seu olhar calcula um passo em cada espaço, como numa escolha de ‘batalha naval’, em que qualquer erro pode significar afundar na água ou ser em desequilíbrio abatida.

Como toda mulher que anda sozinha, ela batalha e cruza os lugares co-ra-jo-sa-men-te!!! Sim, ela vai com coragem na calçada oposta às câmeras de vigilância pública. Dá conta disso?! Ela anda como quem nem se importa com o que dela se espera, ela é. Ser! Para tal se faz exposta. Da exposição, vive em risco. No risco, sublinha a ousadia de existir por si. Enquanto passa, os homens seguem suas roupas e espreitam. A polícia não lhe guarda ou respeita. O planalto discursando

---

<sup>4</sup> Texto literário inspirado nas *Figuras 17, 36 e 40* (ver: Catálogo de Graffiti).

lhe pragueja.

Andaluzia nasceu após tantas outras mulheres terem morrido para que ela andasse sozinha. Ela ainda corre o perigo de ser ‘morrída’ por ser mulher! Seria isso uma cadeia? Um ciclo? Como entender ou explicar tantas mulheres que andam... morrendo... Anda menina! Quer virar estatística?! Há jornais, *podcasts*, revistas que falam sobre isso e alguns outros anúncios no meio televisivo. De certo modo muitos veículos contam os ocorridos, mas poucos contabilizam quantos mais se tem que suportar até que finde a tal ‘economia’ social, em que o valor da vida nem se explica...

Estrategicamente, interrompem-se ou se suspendem as infames violências sequenciadas com exercícios de autonomia, com olhares e gestos sororizados! Como se sabe disso?! Como uma lícita *dark web* à luz do dia, divulgam-se histórias em redes, costuram-se retratos de mulheres resistentes bordados por mãos de Ariadnes mis... Conversam-se em círculos, pintam-se em paredes... Na contramão da violência Anda-luz-ia.

As resistências-denúncias são penas de fênix arquetipicamente incendiada, ensanguentada, parida, menstruada. Por que existem mulheres que não enxergam seu voo, seu brilho? Andaluzia também luzia encarnada! Há uma fornalha interior de desejos, uma aura de letra escarlata em sua testa por condenações e obrigações seculares. Sua vida, presente em cores e cotidianidade.

À medida que anda, ilumina o caminho de casa à mercearia. Quer pão, quer vida! A busca ultrapassa a cronologia?... Mas, no mercado de iguarias se tem pão

a toda hora do dia?... Na tradição católica à qual sua comunidade é inserida, Andaluzia se pergunta: sem coisas essenciais há salvação?!

Como nem Cristo pensou compulsoriamente multiplicá-lo - o pão -, foi o capitalismo que se ocupou em oferecê-lo. Assim, é consumido o pão-nosso-de-cada-dia... a preço de mercado... em qualquer vendinha, comércio, padaria, mercearia.

No balcão ela estende um trocado e lhe é dado correspondente quinhão: o pão. Girando sobre os calcanhares, sem mais demora ela retorna... Ao passo, ao tempo, ao risco, à vida... Provisoriamente alimentada pela sua ousadia!

## JAÍNA ALCÂNTARA

Migrou do interior pra fora. Com memórias da cidade pequena, inventa um jeito de estar nas academias que lhe deram asas, e às vezes, as tiram. Faz Antropologia com jovens entre conversas, registros e presenças. Há anos, atua em pesquisas e projetos à busca por direitos e garantias de pessoas que vivem de modo dissidente (especialmente, LGBTs e usuárias/os de drogas). Contato: @jainalcan

## ONTEM NÃO ESTAVA BOM, E HOJE TAMBÉM NÃO<sup>5</sup>

Acordou suada de calor e pavor. Arregalou os olhos como se o ato a fizesse emergir de um lugar de onde parecia não conseguir sair. A respiração acelerada denunciava seu espanto. Passou a mão na nuca molhada. Respirou fundo, olhando ao redor, e se viu em um quarto. Não era o seu. Percebeu uma réstia de sol refletida na parede verde. Virou a cabeça para cima, e no alto havia uma rede com um corpo pequeno a dormir. Irmã Iva estava ao seu lado. Outra “ovelha” da igreja que passou a frequentar há dois anos. O filho mais novo de Iva dormia na rede. Rita estava na outra cama, ressonando profundamente.

Aquele sonho que voltava não era bom para a nova vida. Retomava os tempos que havia decidido deixar para traz. Trazia o peso do pecado. Era o tempo de “bicho solto”. O sonho era tão intenso que trazia gosto de pimenta, sal e mel. A embriaguez do prazer carnal. Tudo era desaprovado nas palavras da bíblia e na interpretação feita nas noites de culto, e no dia a dia quando encontrava suas irmãs e irmãos nas ruas de sua vizinhança.

Lilita dizia que se aproximou da igreja porque estava no mundo da perdição, dos vícios e da depravação. Cansada da chacota, dos cochichos, dos olhares reprovadores e arrependida pelo que lhe era negado diante de comportamentos lascivos que tinha, buscava na fé servir a Deus e ter uma vida digna na glória dos senhores. Entretanto, até ali, não encontrava essa paz, e nem a tranquilidade de

---

<sup>5</sup> Texto literário inspirado na *Figura 2* (ver: Catálogo de Graffiti).

uma vida digna. O sonho parecia um chamado para tudo aquilo que se negava diante da promessa do “novo tempo”.

Ainda não entendia também o que significava em sua vida as tais benesses divinas. Percebia, isso sim, os novos julgamentos de pastores e pastoras, das irmãs e irmãos, com os quais passou a conviver, os dízimos e prestações de contas de seu íntimo e particular universo subjetivo. Ao despertar desses sonhos, todas às vezes, avaliava as economias da vida no mundão em nome do bem fazer aos olhos do pai, e o resultado saía caro para o que borbulhava dentro de si.

Lidar com as exigências de ser fiel a palavra de deus, fazia parte desse templo de bênçãos, preces e penitências. Teria um custo, e esse ônus passava a fazer parte do pós-sonho. A cada acordar sem fôlego, um suspiro de persistência na fé parecia a via. Penosa. Dolorosa.

Esfregou os olhos, e se esticou suavemente. Levantando-se devagar, passou as mãos pelos cabelos volumosos e fez uma amarração para mantê-los no topo da cabeça. Tudo feito com cuidado, pois não queria, ao caminhar, acordar as pessoas com quem dividia aquele quarto. Quente.

Havia bem mais gente que essas três mulheres e uma criança. Estavam em excursão numa chácara no sertão. Muitas redes armadas na varanda. Era um retiro espiritual. Apesar do tempo quente - já era quase final do chamado verão - ainda havia bastante água no açude ali próximo. Lilita chegou até a porta da casa. Olhou longamente para o horizonte, ainda rosado pelo raiar do sol. Ou-viu um bem-te-vi. A mirada para o açude, o lufar de um vento forte passou por seu

corpo. Ficou desejando se banhar.

Pensava que ir sozinha seria mais simples, e ficou arquitetando como fazer isso. Se molharia, é certo. Mas usaria blusa, sutiã e saia? Pegava o maiô que comprou para usar no retiro? Não sabia bem como se portar naquela situação, e quis evitar mexer na bolsa que estava no quarto. Seu receio era também ter que responder perguntas. Era tudo meio novo com aquele tipo de lazer. Mas, ainda fazia muito calor. Resolveu se banhar de roupas mesmo. Já havia entendido que a exposição da pele era uma tentação do demônio.

Caminhou sob a vereda que levava da varanda até o açude. Ouviu, ao longo do trajeto seus chinelos estalarem na areia grossa. Passo-a-passo. Ao chegar à beira d'água sentiu, com os pés, a frieza guardada do sereno da noite sertaneja. Quase perdeu a coragem do mergulho – coragem era um efeito do sonho – angustiante. E sem demorar muito, foi entrando, mas lentamente, na água. Sentindo cada poro do corpo se inundar, e ao quadril chegar à altura da água, sentiu um calafrio, ainda menos forte que o que veio ao encostar o ventre coberto pela saia e pela blusa. Foi, devagar, imergindo até molhar seus longos cabelos com cachos e desfazer o amarrado recém feito.

Lilita sabia boiar, até quis experimentar algo que há muito não fazia, mas ficou com medo de ser observada naquela fluidez com a água e resolveu evitar. Não levitou no mergulho. Apenas, recebia a graça de estar submersa até o pescoço naquela água fria e densa aplacando o calor, as lembranças e pavor que aqueles sonhos lhe traziam.

## J A N D I R A   D A L A

Licencianda em Letras - Língua Portuguesa, pela  
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira / UNILAB. Pesquisadora e bolsista do  
Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica  
PIBIC-FUNCAP. Membro do grupo de pesquisa Ateliê e do  
Projeto de Extensão sobre o Corpo feminino, Literaturas  
africanas e Afro-brasileiras. Contato: Jd2018@outlook.pt



## KIZUA DESCOBRIU NAS TRANÇAS BOX BRAIDS SUA BELEZA<sup>6</sup>

Esta é a Kizua, uma adolescente de 17 anos, que não gostava de ser negra porque sofria muito racismo na escola onde estudava. Tinha muitos conflitos de aceitação e não gostava de frequentar a escola por tudo que passava.

Mais um dia para ir enfrentar aqueles colegas chatos. Não aguento mais ir nesse inferno...;

- mãe, não quero ir!

- mãe, hoje não vou!

- por favor, mãe, não me deixe ir!

Dizia Kizua,

- sabe, lá eu não sou bem-vinda, as meninas passam o dia todo fazendo *bullying* comigo e a professora não faz nada!

Dona Ngueve olhou para filha e disse:

- você precisa enfrentar elas, minha filha! É a única escola que temos na cidade, senão irão ao conselho tutelar e vêm tirar você da mamãe, filha! É isso que quer?

Kizua levanta cabisbaixa e responde não. Começa a se arrumar para ir à escola.

Dona Ngueve, com o coração partido por ver a filha chorar ao ir à escola, não

---

<sup>6</sup> Texto literário inspirado nas *Figuras 14 e 36* (ver: Catálogo de Graffiti).

tinha muito o que fazer: era mãe solteira, Kizua era filha única, não tinha com quem ficar em casa; a menina precisa ir à escola que era o tempo integral para dar tempo a mãe de fazer faxina nas casas onde trabalhava, e depois passar para ir buscar a menina naquela escola onde sofria tanto racismo. Dona Ngueve várias vezes reportou à escola tudo que a menina passava, mas nunca se tomou nenhuma providência com as colegas e funcionários que faziam isso com a menina. Diziam sempre que são coisas de adolescente, que ela precisava aceitar que é negra, a senhora tinha apenas que aturar o racismo que ela e a filha passavam.

Kizua entra na escola com a cabeça baixa e vai caminhando. Logo chega o grupo da Ayani: as meninas brancas que faziam *bullying* com ela.

- eii sua negra, conseguiu lavar o cabelo hoje ou partiu um pente? - os colegas todos, ao lado, começavam a rir.

Kizua não responde, continua caminhando com o seu casaco de capucho cobrindo até o rosto, de cabeça baixa com os olhos cheios de lágrimas. Diz: “porque tinha que nascer negra!?” Caminha em direção à sala de aula quando esbarra no Ruan e caí. Ruan, chateado, diz:

- tenha cuidado por onde anda, sua negra! Olha que lábios mais grossos, quase me beija: oh, coisa feia!

Kizua levanta e vai correndo ao banheiro, chorando muito. Sua amiga Mileide a vê, e vai atrás dela:

- me espera Kizua!

Encontra kizua chorando e gritando:

- porque eu tinha que ser negra, Mileide? Eu me odeio. Odeio os meus lábios, odeio a minha cor, odeio o meu cabelo.

Mileide diz:

- não fala isso, amiga! Você é linda! - dá um abraço nela;

- calma, calma... amiga, você é linda da tua forma muito única - em seguida, vão para a sala de aula; Kizua estava mais calma.

Logo chega a professora à sala, e começa a aula fazendo perguntas sobre a aula passada, de quem lembrava do que se falou na última aula. Kizua levanta a mão e começa a explicar. Quando termina, a professora pergunta:

- quem mais?

Ayani levanta a mão e explica. Depois de sua fala, a professora diz:

- muito bem, Ayani! É isto mesmo! - e vai aprofundando, ignorando tudo o que Kizua havia dito.

Depois de a aula terminar, Kizua sai com a amiga Mileide e questiona para ela:

- amiga, porque a professora não olha para mim e nem liga para os comentários que eu faço, será que deve ser por eu ser negra?

Mileide rapidamente responde:

- não, deve ser impressão sua! Vamos para casa.

Kizua vê logo a mãe no portão à sua espera e vai correndo para o colo da mãe e lhe dá um abraço apertado. Dona Ngueve pergunta:

- como foi hoje?

- O mesmo de sempre mãe, sabe, esse não é meu lugar, não tem ninguém como eu nessa escola, sou muito feia para estudar aqui, perto dessas meninas, vê o tamanho dos meus lábios, mãe, parece um camaze. O meu cabelo, então, nem com prancha ele obedece.

Dona Ngueve diz:

- filha, já falamos sobre isso. Você é muito linda. Minha princesa, não deixe que esses racistas te façam acreditar que você é feia minha cassule.

Assim que chegaram em casa, Kizua foi assistir tevê, quando passa um comercial de um salão de beleza para mulheres negras - mostrando vários penteados e formas de cuidar de cabelos crespos e cacheados.

- mãe, corre aqui. Vem ver isso!

Dona Ngueve chega assustada pelo grito da filha, pensando que fosse alguma coisa grave.

- o que foi, filha? – que aponta para a tevê.

- você pode me levar para esse salão, mãe? É só para meninas negras e fazem penteados incríveis, talvez eu fique bonita indo lá, mãe!

Dona Ngueve olhou para filha que estava tão animada ao falar do salão.

- vamos ver, filha! Vou tentar juntar esse dinheiro e vamos para lá.

A menina ficou tão animada, porque já via na internet meninas negras de trança *box braids*. Depois daquele dia passou a pesquisar mais e estava ansiosa pelo dia que colocaria suas tranças. A menina passou a ir à escola com mais ânimo depois da promessa da mãe. Chegando o final do mês, dona Ngueve já tinha recebido o salário. Chama a filha para irem ao salão. Chegando lá, Kizua ficou encantada com tantas meninas negras e diz para a mãe:

- elas são muito bonitas! Veja o cabelo dela, mãe, é a coisa mais linda - e tinha uma variedade de mulheres negras com cabelos muito diferentes.

Kiesse, a gerente do salão, aproxima-se delas.

- boa tarde! Sejam bem vindas! Quem é essa menina tão linda, dona Ngueve? - que logo responde:

- é a minha filha, mas ela não se acha bonita. Tem sofrido muito racismo na escola. Por essa razão, ela quer colocar tranças pois acha o cabelo muito feio e ruim.

Kiesse olha para Kizua e lhe diz:

- você já é linda assim, só precisa aprender a cuidar do cabelo. Ele não é ruim, só tem uma curvatura diferente dos cabelos lisos, e as tranças estão aí para te ajudar a mudar de cabelo; vão ajudar a cuidar do teu cabelo e te empoderar mais e

auxiliar na tua beleza. Não deixe que as pessoas te façam sentir-se feia, Kizua.

Kiesse diz para dona Ngueve:

- vamos cuidar do cabelo dela e da autoestima. Fique descansada. A maior parte das trancistas que trabalham aqui, inclusive eu, passamos por coisas que a Kizua está a passar. É importante termos uma rede de afeto de meninas negras para sabermos lidar com isso, e ensiná-la a se posicionar.

Antes de começarem a tratar do cabelo da Kizua, Kiesse senta com a menina e lhe explica sobre o seu cabelo e sobre as tranças e todo o tratamento no cabelo. Enquanto explicava, a menina lhe fazia perguntas. Elas conversavam muito durante o processo. Kizua também lhe falava dos seus medos, de como se sentia na escola, as coisas que faziam com ela. As trancistas foram falando com ela, mostrando-lhe o que precisava enfrentar, contando suas experiências. Engraçado que todas elas tiveram que passar por um processo de aceitação, sofreram muito racismo. Passaram a partilhar como reagiam e como cada uma aprendeu a enfrentar. De longe, dona Ngueve observava tudo e via a filha tão feliz por estar ali fazendo as tranças.

Depois das tranças, maquiaram-na e lhe ensinavam também como fazer na escolha do batom. Kizua não queria colocar, pois achava seus lábios muito grossos e feios. As trancistas aplicaram o batom em todas e falaram:

- está feio em nós? – e Kizua respondeu que não.

Kiesse diz, então:

- e porque ficaria feio em ti, se temos o mesmo formato de lábios?

A menina aceitou colocar um batom vermelho, e a levaram em direção ao espelho para ver o resultado. Chamaram dona Ngueve, que, ao ver a filha, ficou tão espantada com o resultado.

- como você está linda, minha cassule.

Kizua foi ver-se ao espelho e com os olhos cheios de lágrimas, disse:

- não acredito que essa sou eu!

As trancistas foram abraçá-la e disseram para ela não deixar que pessoas racistas tirem o seu brilho.

- Kizua, ser negra é lindo, ser negra é vida! Temos que ter orgulho da nossa pele preta, da nossa melanina, do nosso cabelo crespo, cacheado e de todos os nossos traços.

No dia seguinte, Kizua estava com muitas expectativas para ir à escola. Queria que todos lhe vissem com as suas tranças novas. Acordou muito cedo e começou a se preparar. Fez a maquiagem que as trancistas lhe ensinaram, colocou um batom (que Kiese lhe ofereceu), ajustou as tranças, olhou-se no espelho e disse:

- estou pronta, mãe, vamos?!

Dona Ngueve ainda não tinha terminado de se preparar, mas ela apressava a mãe.

- vamos, mãe, não posso me atrasar!

Logo que chega à escola Kizua anda de cabeça erguida. Todos perguntavam-se quem seria essa menina. Só diziam que deveria ser uma menina nova. Faziam comentários como “ela é uma negra tão bonita!”

Ayani e seu grupo, sem reconhecerem Kizua, tentam fazer amizade. Ayani chega e diz:

- oi, tudo bem, quer ser nossa amiga?

Kizua responde:

- não quero, sei bem quem são vocês!

E elas respondem:

- Kizua?!



## J O A - M I

Escritora, artista visual e professora-pesquisadora da Unilab-CE (no Instituto de Humanidades e no Programa Associado de Pós-graduação em Ensino e Formação Docente) e na UFC (no Programa de Pós-graduação em Artes).

Gosta de cultivar plantas e notas musicais.

E-mail: [joami@unilab.edu.br](mailto:joami@unilab.edu.br)

## ALIÁS<sup>7</sup>

Aliás. O gosto amargo ainda molha os meus olhos. A fruta vermelha escorre pela memória, a dor escorrega. Frutas vermelhas me causam melancolia. “Dona Abí, talvez estivessem estragadas!” – eu disse à vizinha. “Minha filha, acho que é outra coisa que anda estragada aí!” – ela disse. Saí quieta. Quase chorei na frente de todos. É isto mesmo: há algo estragado aqui! Não confio mais em ninguém. Há algo estragado aqui. A solidão amolece minha humanidade. Não confio em mais ninguém do trabalho, em mais ninguém de casa, em mais ninguém. Minhas entranhas doem até comendo frutas vermelhas. Frutas vermelhas me causam náuseas. Não, não podem ser as frutas, as vermelhas, nem as pessoas. Ou seriam as pessoas? Pela manhã li algo assim de um maestro de 80 anos: “são meus sentimentos, quando estou sozinho, comigo mesmo, que me apontam a realidade”. E pensei que frutas vermelhas podem apontar a minha realidade: uma jovem de vinte e poucos anos. Ouço música e o estrago se espalha. Mas gosto de apreciar os sentimentos, as sensações. Tristeza, melancolia, nostalgia, angústia são tão válidas quanto outros sentimentos. Humanos podem sentir tanta coisa, por que deveríamos nos limitar. À tarde voltei à mercearia. Não havia mais ninguém além da vizinha consigo mesma. “A senhora acha que estou estragada onde?” – perguntei. “Quê?” – ela respondeu. Vi que nem lembrava do que havia me dito pela manhã. As pessoas deviam ter mais cuidado com o que falam.

Palavra sf. ‘vocábulo, termo’ | XII, paravla; XIII, paraura | Do lat. Parábola –ae, deriv. do gr. Parabolē | | Apalavr AR 1813 | | palavrADA XVII | | palavrÃO

---

<sup>7</sup> Texto literário inspirado na Figura 18 (ver: Catálogo de Graffiti).

1881 || palavrE · ÀDO 1813 || palavrEAR XV || palavrÓRIO 1813 ||  
palavrOSO XVI. Cp. PAROLA. O dicionário esqueceu-se de destacar o -lavra, da  
pa-lavra. A palavra não cultiva, prepara, cria, elabora, inventa? A palavra é cela,  
também. Estou marcada pela palavra “estragada”. Estou estragada? Ou é algo em  
mim? Mas a planta que se estraga pode virar adubo: lavra! Vou tomar um café e  
olhar quem passa. Talvez tenha substituído o cigarro pelo café. Mentira. Eu já  
tomava café antes de deixar de ver a fumaça entre os olhos. O café quente me  
mastiga por dentro e sinto um conforto indescritível.

## JOÉLIA RODRIGUES

Mestre em Saúde Coletiva. É formada em Marketing com MBA em Gestão de Projetos. Atua na administração pública desde 2000. É defensora do Sistema Único de Saúde e práticas integrativas. É professora e consultora na área de gestão estratégica. Busca vivenciar o yoga e ayurveda. Apaixonada pela arte de viver, se redescobre na escrita após 20 anos.

## LIBERTA TUANY<sup>8</sup>

Naquela tarde Tuany já não tinha cor

Seus lábios torneados e elegantes

Se vestiram de azul bordô

A graciosidade da pele melânica exultante

Fora aquebrantada pelo sol lacerante.

Bela Tuany...

de perfil, era o bambolear desconcertante do cubismo brasileiro,

de frente, os fortes traços coloridos de Tarsila no entrevero.

Na sua curta trajetória, muitos já haviam partido,

o solo empobrecido se esquivava. Jaz desnutrido.

O besouro do mato, ainda repousava no indicador,

Quando o vento siroco permitia o seu torpor.

Tuany, com seu vestido cornalina

---

<sup>8</sup> Texto literário inspirado nas *Figuras 12 e 17* (ver: Catálogo de Graffiti).

Herdou seu colar de sua mãe,

“círculos de luz”, ela dizia...

Ainda esperava o vento da noite calma

“para amansar o desassossego e aliviar a agonia”.

Aguerrida Tuany,

lutou em nome dos ancestrais,

Seguiu em nome dos que desistiram,

Padeceu em nome dos que a desconheciam.

Seus olhos cegos de amor, agora serrados na dor

Vislumbram o céu de estrelas, de peito aberto e sem temor.

Liberta Tuany,

agora voa pelas asas de uma andorinha.

Agora vibra ao som da cantoria.

Agora descansa da insigne tirania.

## L Í L I A C O S T A

Gaúcha\_paulista\_cearense, mãe\_avó, dona de casa metida à besta, graduada em Letras pela UECE, com especialização em Educação Biocêntrica/CE, professora da rede estadual no ensino médio; atuante política anti fasc\_rac\_mach\_capital\_ista; fã das comunidades lgbtqia+, do mst e do #lulapresidente; canceriana sonhadora e disponível... enfim, uma brincante\_aprendiz. Contato: [lylia.costa@gmail.com](mailto:lylia.costa@gmail.com); [@ly\\_s\\_costa](https://www.instagram.com/ly_s_costa)

## O IMPOSSÍVEL ACONTECE<sup>9</sup>

- o impossível acontece o tempo todo.

- o impossível acontece mesmo, professora ?



- só quando a gente está distraído.

---

<sup>9</sup> Texto literário inspirado na *Figura 17* (ver: Catálogo de Graffiti).



<sup>10</sup>Eu vi quando ela quase foi presa por transgressão.

Ela é tinhoosa!

Teimou, teimou até deixar tudo pronto para o ato. Mas hoje não deu pra escapar...

Deu foi pra consertar o mundo. Ela botou tudo no seu devido lugar.

---

<sup>10</sup> Texto literário inspirado na *Figura 14* (ver: Catálogo de Graffiti).

<sup>11</sup>então ela disse: - corre!!

aí ele respondeu: - pra onde ?

ela insistiu: coooorre!!!!

daí ele ocorreu.

---

<sup>11</sup> Texto literário inspirado na *Figura 3* (ver: Catálogo de Graffiti).

<sup>12</sup>Era uma multidão gritando:

- Vai tomar no cu!

Até que alguém vociferou:

- No cu, não! Na culpa.

---

<sup>12</sup> Texto literário inspirado na *Figura 8* (ver: Catálogo de Graffiti).

<sup>13</sup>- se você quer, eu também quero... então, pronto! tá combinado: felizes para sempre!

---

<sup>13</sup> Texto literário inspirado na *Figura 12* (ver: Catálogo de Graffiti).

## MARINA TCHUDA BLABAM

Aluna do curso de Bacharelado em Humanidades - BHU,  
da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia  
Afro-Brasileira – UNILAB/CE. Contato:  
[palamarina12@gmail.com](mailto:palamarina12@gmail.com)

<sup>14</sup>Numa família do interior da Guiné-Bissau, com 4 filhos, havia entre eles uma menina com uma diferença marcada: os lábios - pois eram muito diferentes da sua cor de pele. Muito protegida pelos irmãos, por ser a caçula, cresceu em um ambiente de muito amor e segurança, durante a infância.

Nanda frequentava a escola ativamente. Tinha um carinho enorme pela escola e pelos estudos, de maneira geral; isto se deu por conta da professora que a incentivou a estudar muito - conseqüentemente, o desejo de Nanda era um dia se tornar professora.

Por ter começado a estudar tarde, ela via nos estudos um meio de superar a ausência do pai, e então proporcionar alegria e muito orgulho em sua mãe. Os anos se passaram e então a família precisou se mudar para a capital do país e foi aí que a sua diferença passou a ser uma rejeição ao normal.

Nesta região, ela estudou até o ensino médio, porém ela nunca sofreu tanto! Quando chegou pela primavera vez na nova escola, os colegas começaram a olhá-la diferente. Nanda, então, começou a se questionar se havia algo estranho na roupa, cabelo ou mesmo se tinha uma parte em si que estivesse sujo. Na verdade, todos se questionavam sobre a cor de seus lábios. Durante algumas semanas esta indignação era apenas manifestada em grupinhos e lá se mantinha, porém, a coisa veio a desandar quando um professor foi buscar o marcador na sala dos professores e um colega, na sala de aula, falou alto “LÁBIO ROSA”. Em um momento ela pensou que não estivessem a falar dela, mas quando ela virou para trás, vendo que todo mundo a olhava, caiu em prantos. Foi naquele dia que

---

<sup>14</sup> Texto literário inspirado na *Figura 6* (ver: Catálogo de Graffiti).

ela começou a desgostar de seus lábios.

Boa parte da sua trajetória escolar naquela região foi marcada pelo *bullying* que ela vivia. No ensino médio a coisa ficou mais intensa ainda porque parecia que ninguém gostava dela. Sentia que os meninos a rejeitavam, ela se sentia feia, e achava que a cor de seus lábios era algo, em si, ruim. Consequentemente, seu comportamento começou a mudar e sua mãe percebeu isso. Um dia ela chegou destruída, emocionalmente, e seus irmãos contaram pra mãe ao chegarem da praça. Foi então a sua mãe a conversar com ela:

- Nanda, você está bem?

- Estou sim, mãe. E a senhora?

- Estou bem. Minha filha, sabes que eu sou a sua mãe, não precisa mentir pra mim. Me diz o que houve..., seus irmãos me contaram!

- Aqueles fofoqueiros!?!? Por que os meus lábios são tão feios, mãe? Por que eles não são normais? Por que eu sou assim? Por que...

- Pare de se agredir, filha! Nós somos seres humanos e não objetos projetados para sermos todos iguais!

- Mas eu não sou bonita como as outras meninas.

- Quem disse isso? Eu não e nem seus irmãos. Filha, deixa eu te dizer uma coisa: o diferente não precisa ser igual pra ser belo, nem o que é bonito precisa da aprovação de outros pra ser bonito. Você é bonita e isso só precisa bastar, ser

suficiente pra você mesma!

- Obrigado, mãe!

- Tá tudo bem, filha!!

Sua mãe foi falar com a direção da escola e os xingamentos diminuíram. Quando aconteciam, ela ria e ria alto!

Nanda cresceu e hoje é uma universitária. Ela sempre diz para as pessoas: “nunca esqueça de si mesma e da sua essência, o poder está dentro de você, não aceite que ninguém diminua ele!”



## MYKEL DODÓ

É professor e escritor. Sua cor favorita é laranja. À época da escrita do texto “Desconforto”, ele estava vivenciando o início de seu processo de adequação de gênero - que incluiu a mudança de nome, também. Contato:

[prof.mykel2022@gmail.com](mailto:prof.mykel2022@gmail.com)

## DESCONFORTO<sup>15</sup>

Liema acordou com o peso do mundo nas costas. Trazia em si um emaranhado de relações adoecidas, contudo - "estou bem"-, como disse ao seu Zé, da padaria, que, por educação, sempre pergunta ao menino como ele está.

Liema nunca compreendeu bem esse protocolo social. Por que não o silêncio quando não há um real interesse na resposta? Mas isso não importa mais! Ele já registrou o protocolo e aprendeu a dar a resposta rápida requerida para tal situação. "Estou bem. E você?". E a receber de volta a resposta vazia e espontânea "estou bem também".

Hoje Liema tem algo muito importante a fazer, não pode se perder nesses devaneios.

Hoje ele precisa driblar toda a incompreensão e tentar parecer um pouco "normal".

De repente, ele se espanta com o chacoalhar do ônibus! "Não, não pode gritar" lembra os sermões da tia-avó em meio às inúmeras 'crises' quando menor. "Mas por que mãe? Fiquei assustado". "Shiu! Os outros estão olhando". "pois que olhem", pensou, mas lembrou que também não podia responder aos mais velhos, mesmo se o que dizem não faz sentido. Levava cascudo. Silenciou.

Em algum momento, Liema aprendeu que os olhos dos outros são importantes, são câmeras buscando qualquer comportamento irregular para julgar e anular.

---

<sup>15</sup> Texto literário inspirado na *Figura 31* (ver: Catálogo de Graffiti)

Custou a registrar esse protocolo, pois sempre se perde em porquês... Mas registrou: “os olhos dos outros são mais importantes que os meus próprios olhos”.

Ele imita o rapaz sentado um pouco à sua frente. Postura ereta, respiração tranquila, vez ou outra olha pro celular. Uma pessoa normal, que com certeza não está nem aí para o som insuportável da janela, ou o jeito que o motorista, vez ou outra, tira a mão do volante para coçar o saco. Que coisa estranha!

Imitar é seu jeito de ser normal. Quando pequeno, a tia avó sempre dizia "Por que você não pode ser mais como o fulano!?" Assim, ele aprendeu a ser mais como os outros. Menos como ele próprio. Quando precisava fazer algo e não sabia como agir, se punha a imitar terceiros, com a intenção de ser bem visto pelos olhos dos outros, o que era cansativo, mas geralmente funcionava. Para a tia avó era suficiente. Sem esquisitices, sem questionamentos. Tentar responder também era cansativo demais e ele não queria ser passado para outra pessoa. Naquela época, antes da tia avó já tinha dormido dias nas casas das 13 tias. Ninguém sabia lidar com ele. Já tinham outros filhos, ele era diferente, “alguém devia levar pro doutor consultar”.

Aos trancos e barrancos chegou a esse momento crucial em que tudo pode mudar para sempre, todos os olhos da família esperam o resultado. Os mesmos olhos que estranharam quando o menino quis fazer faculdade de Direito, tão difícil, “quem vai confiar em advogado esquisito assim?” - brincou o tio/padrinho. Magoou, sempre magoa, mas é difícil explicar, então Liema silenciou. Resultado dado. Olhos espantados. Ninguém nunca cuidou muito de

seus boletins depois que a mãe morreu.

Provavelmente, esperam a falha, a queda, o momento em que o menino se despirá diante deles e voltará a ser o simples esquisito que foi antes do curso. Durante a graduação, não fez grandes amizades, interagir era desconfortável, e tinham os tiques, todos o olhavam quando seu corpo remexia involuntariamente durante um momento de distração. Apesar disso, escrevia divinamente e conseguiu enviar vários de seus trabalhos para publicação, incrivelmente aceitos e publicados. Não visitou seus parentes durante a graduação, mas lhe mandavam a pensão da morte da mãe para que se mantivesse naquele sonho distante. “Foi livramento!”, escutou o menino por trás da porta o que disse a tia avó já cansada de conviver com ele.

O currículo não negava sua capacidade, mas aquela esquisitice atrasou muito a contratação. Já havia concluído o curso há um ano e, mesmo tendo passado no exame da Ordem dos Advogados do Brasil com louvor, não fazia o perfil de nenhuma das empresas de advogados e associados para as quais havia realizado entrevistas, nem mesmo a do tio/padrinho. “ Não quero que pareça estranho, sabe, Liema, por seres meu afilhado e tudo mais...”

## MAS HOJE SERÁ DIFERENTE

No ônibus, a caminho da entrevista, ele controla todo o desconforto de estar em uma grande lata de sardinha cheia de desconhecidos, a caminho de um lugar desconhecido, sentado em um assento de plástico seco, duvidosamente limpo uma vez ao dia, assistindo a um motorista que vez ou outra tira a mão do

volante e coça o saco. Não está atrasado nem adiantado. Aprendeu isso nos tutoriais que viu na internet. Se adiantar, está desesperado. Se atrasar, está desinteressado. Fez todos os cálculos para chegar na hora, passos minuciosamente seguidos. Apesar do desconforto, está pleno, imitando agora um rapaz sério que segura uma pasta próximo à porta de saída. O rapaz vai descer na próxima parada. Ele

precisa encontrar um outro espelho. Percorre cuidadosamente o olhar pelo ônibus. Não há mais ninguém com a seriedade de um advogado para que ele possa imitar. Então segue o plano b. Viu dezenas de séries, personagens, utilizou as referências inclusive para se vestir: camisa branca, gravata azul, terno, relógio, sapato, despojado, mas aparentando movimento, desejo de trabalhar naquilo que gosta. Gosta? Desconforto. Protocolo de não questionar, precisa emergir agora. Se volta para as técnicas de *mindfulness* que aprendera para controlar o desconforto causado pela dificuldade de entender. Está tudo perfeito até agora, conforme o plano, ninguém o achou estranho, está conseguindo ser apenas mais um na multidão.

Chega ao escritório, um grande escritório, o maior que já foi, apostou alto dessa vez. Fala com a recepcionista de maneira simpática e desinteressada, o foco está acima. A moça lhe dá a indicação da sala. A secretária do Dr. Fernandes o recebe com um sorriso: “Bom dia, Dr. Castro, o Dr. Fernandes o aguarda”, “Obrigado, senhorita Torres”, responde e adentra, finalmente, a sala do martírio onde terá de isentar-se de todo desconforto e fingir naturalidade por aproximadamente 30 minutos. Se sente estranho em seu próprio corpo, estando controlado como

nunca antes, assiste dentro de si o personagem que criou tomar posse de suas posturas e movimentos. O Dr. Fernandes dá o veredicto: “será uma honra tê-lo em nossa companhia, Dr. Castro. Espero-o amanhã às 9h.”

Ele conseguiu? Conseguiu! Tudo funcionou exatamente como planejado. Ao chegar em casa terá que armar um novo plano para manter a normalidade, pensa sobre isso ao descer o elevador ainda envolto pelo personagem que criou. Desce as escadas em frente ao prédio do escritório e pausa, retornando a si, estático, dá-se conta, finalmente da grande e inaceitável verdade: para que aos olhos dos outros o vejam como normal, ele precisa abdicar de si. Então, ele se joga por entre os sons atormentadores do trânsito e, pela primeira vez, não se importa com os olhos, nem com a tia-avó, nem com a esquisitice. Sente-se mergulhado, despido do peso do mundo e curado das relações adoecidas.

## RAQUEL SANTOS

É artista e arte educadore, que se debruça sobre as temáticas de afrodescendência, gênero e sexualidade através de diversas linguagens. Teve seus aprendizados acumulados pelas vivências como artista e graduanda em Artes Visuais (IFCE). Desde 2014 caminha também pelas intervenções urbanas, educação formal, produção cultural e arte-terapia. Contato: @quelquelquelquel

<sup>16</sup>Sentada ali

Olhando para o muro (ainda) branco

Elu pensava em quantas coisas podia escrever.

Fora desgoverno!

Morena, te amo!

Meu corpo, minhas regras!

Um turbilhão de ideias. Adrenalina tomando conta.

Quando passou um carro e alguém gritou: “Vai procurar uma lavagem de roupa!”

Pensou: Já sei!

Agarrou o spray na mochila. Caminhou decidida.

Mais vigorosamente as palavras surgiram em sua mente

E ganharam contornos na parede:

“Luto por mim, por nós e por quem ainda está por vir!”

---

<sup>16</sup> Texto literário inspirado nas *Figuras 8, 11, 15, 20, 35, 44* (ver: Catálogo de Graffiti).



Ao se olhar refletida no espelho, com os olhos cheio de lágrimas, lembrando de todos àqueles dias que achara já terem ficado pra trás, se perguntou por que chorava...

Passadas e repassadas tantas vezes aquelas histórias.

Como ainda lhe causavam tanta comoção?

Certo que inúmeras foram as ocasiões em que se sentiu subestimada pelos colegas machistas,

ou teve palavras invasivas lhe cortando o corpo e a alma quando caminhava (trabalhava ou pintava) na rua.

Quem sabe era por tudo isso, todas essas dificuldades de ser mulher num patriarcado.

Não...

Sentia que esse choro doído era diferente.

Externava angústias (antigas), mas dessa vez, orgulho também.

“Eu cheguei até aqui!” - disse para si mesma, já abrindo um sorriso molhado pelas lágrimas no canto da boca.

Enquanto outro rumo se dava, em sua mente, para aquelas lembranças!

Enquanto abraçava essa outra mulher sentia como se estivesse envolvendo a si mesma.

Medos, angústias, expectativas, tristezas e algumas felicidades cotidianas.

Tudo ali suspenso, naquele entrelaçado, de olhar para ela e sentir sua pele.

Não imaginava momentos assim, antes.

Nunca tinha falado pra ninguém o que se passava em sua cabeça,

muito menos em seu coração:

“Cabeça de outrens é terra que ninguém anda” - lembrou-se do ditado popular.

- Vamo comer?

Falou afrouxando um pouco o abraço.

- Tava pensando a mesma coisa!

Disse a outra mulher, com o sorriso de quem sabe exatamente tudo o que aquele momento significava!

## S I L M A R A   L A N A I

Artista visual e mestra em Antropologia. Desenvolve projetos em Arte-educação com ênfase em metodologia das experiências autoetnográficas em/com Arte visual, a partir da experimentação e das trocas de vivências autobiográficas e biográficas que fundamentam seu percurso artístico. Contato: [lanaisilmara@gmail.com](mailto:lanaisilmara@gmail.com)

## CIGANA PIRATA<sup>17</sup>

Acordei na madrugada de domingo com uma vibração do celular, que estava embaixo do travesseiro. Era a notificação de um e-mail desconhecido, cujo nome do remetente constava *ciganapirata@gmail.com*. Desconfiei. Não conheço nenhuma cigana. E por sinal, não havia assunto no e-mail, apenas um arquivo de áudio anexado.

Pensei: “mas que pessoa é essa?” Tive medo de abrir. Quem em pleno século XXI, com o mundo do ZAP viral, estaria enviando por e-mail um arquivo de áudio? Eu ri, mas fiquei com medo de abrir: com certeza era golpe, ou, no mínimo, erraram o destinatário.

Desliguei o celular e tentei dormir novamente, mas a curiosidade trouxe a insônia junto. “Que diabos tem nesse áudio?” Não iria conseguir dormir sem ouvir.

Liguei o celular e abri o arquivo. Era a voz de uma mulher que dizia:

- Oi, quero ler um poema para você.

Eu ainda não sabia de quem era aquela voz rouca e baixa. Parecia que havia acordado há pouco tempo. Parecia também, ser a voz de uma mulher de 38 e poucos anos de idade. Ela dizia assim:

- Eu sinto sua falta. (Ela faz uma pausa).

Você levou uma parte tão grande de mim.

---

<sup>17</sup> Texto literário inspirado na *Figura 9* (ver: Catálogo de Graffiti).

Tenho andado tão pequena. As palavras que me apreciavam, partiram junto com  
você.

Ficou o silêncio que tomou conta do meu ser.

Deixei de escrever.

Até o último poema eu te dei!

Não há cantoria.

Não há rima.

A poesia que há

são as imagens que passeiam devagar

pela minha mente.

SACOLEJAM,

Reviram-me

tentando traduzir

paciente-mente

as palavras perdidas,

não ditas,

sumidas

do grande espaço

ausente.

Agora são as imagens do meu estado invisível

que

me carregam no colo

e conduzem-me

para uma estação

onde o som que escuto é do meu relógio

que apita a cada hora

e me acorda às 4hs da manhã.

Da noite para o dia

silêncio. Não há palavras.

Não há poemas.

Apenas está aqui:

a parte pequena de mim.

Ao final do áudio ela suspirou e no último segundo sussurrou “mar de ...”

Porém, o áudio finalizou. Voltei várias vezes para ouvir, mas minha curiosidade

permanecia. Não reconheci a voz, muito menos, o seu endereço de e-mail. Porém, por que sua voz e suas palavras mexeram tanto comigo? O que será que ela quis dizer com “mar de ...”?

Não entendi! Será que eu deveria respondê-la, assim?

“Olá, Cigana Pirata! Acho que você enviou para o e-mail errado, mas achei lindo o poema, sua voz e sua coragem”.

Depois pensei: será que ela teria vergonha de mim se estiver enganada? Para que eu fui ouvir esse áudio? Seria alguém do meu passado distante? Mas, quem?

De tanto pensar o sono chegou. Desliguei o celular, decidi dormir e não me preocupar. Se for mesmo para mim, talvez, irá me procurar algum dia em algum lugar.

Quando estava quase dormindo...

Um flash bateu na mente e assustada levantei da cama. Recordei da ex-namorada de uma amiga que não tinha mais notícias suas, de muito tempo atrás, a qual minha amiga era completamente apaixonada. As duas, no auge da paixão, antes do término, havia tatuado juntas: *mar-de-mim*.

Não sei por onde anda minha amiga, mas acho que ela adoraria receber esse e-mail de codinome “Cigana Pirata”.

## ADEUS DE LIA<sup>18</sup>

Graças a um e-mail que Cigana passou para amiga de infância de Lia, achado na caixa de *spam*, Cigana teve coragem de enviar um áudio anexado, lendo um poema na esperança que a amiga de Lia ouvisse e encaminhasse. Passaram-se 6 meses para que Lia enviasse o e-mail para *ciganapirata@gmail.com*

Já havia se passado 15 anos sem nenhum contato com sua grande paixão. Depois do término, Lia foi embora para outro estado, começou outro relacionamento e excluiu o contato de Cigana, que, na época, tinha união estável com outra pessoa. O relacionamento das duas foi rápido, porém intenso. Elas não previam que seria tão difícil o rompimento por questões pessoais e familiares das duas.

Cigana estava em uma sessão fotográfica quando recebeu a notificação do e-mail cujo endereço era *mar-de-mim@gmail.com*. Seu coração disparou na hora. Ela sorriu e não conseguiu conter os olhos cheios de lágrimas. Suas mãos gelaram mais uma vez, como aquela sensação de quando saía de casa para ver Lia. Mãos suadas, boca seca, pernas trêmulas. Sua grande paixão respondeu ao seu e-mail, depois de 15 anos.

Seu coração pulsava forte, parecia que a paixão estava acordando depois de um longo período adormecida.

Cigana guardou o celular na mochila, decidiu abrir quando chegasse em casa, depois da sessão com sua cliente.

---

<sup>18</sup> Texto literário inspirado na *Figura 35* (ver: Catálogo de Graffiti).



Ela tentou esquecer e voltou ao trabalho, faltavam poucos minutos para terminar.

Cigana não via a hora de chegar em casa e descobrir o que havia naquele áudio. Seria a voz da sua grande paixão? Ao entrar no carro teve uma ideia: iria escutar o áudio na praia, pois o mar lhe acalmava; ver a lua e o mar lhe fortalecia e ela precisava ser forte naquele momento.

Ao chegar à praia, ao andar sobre a areia, ela lembrou do último aniversário de Lia que passaram juntas, da paz, do aconchego, do abraço e o sorriso da sua paixão. Lembrou de todos os momentos que ainda permaneciam vivos em sua memória esses anos todos, era o que lhe fazia ter esperança de um reencontro com Lia. Ela sabia que o término tinha sido difícil, e não foi da forma que ela esperava, com o rompimento da comunicação entre as duas.

Lia havia proposto tudo ou nada, pois não aguentaria permanecer apenas em uma relação profissional com Cigana, era demais para ela, seu emocional estava abalado para continuar a ver a distância afetiva e confusa de Cigana. Ela sabia que as duas precisavam curar-se.

Ao colocar o fone e clicar no arquivo para ouvir o áudio, Cigana respirou e inspirou lentamente, fechou seus olhos desejando ouvir a voz de sua amada.

A primeira frase que ela escutou foi:

- Você leu para mim o último poema que eu fiz para você.

Cigana sorriu, era sim a voz de Lia. Ela se surpreendeu com a doçura da sua voz,

estava um pouco diferente do que ela lembrava. Na hora, ela imaginou Lia ali à sua frente, segurando suas mãos, com os pés junto aos dela sobre a areia.

Cigana continua a ouvir Lia:

- Ao abrir os arquivos dos poemas, depois de anos sem lê-los, passei a noite revendo todos aqueles textos que costumava escrever para ti. E, adivinha? Achei até a música que escrevi para você, mas perdi o áudio cantando a música com o ukulele. Você ainda lembra? (Sorrisos)

Cigana sorriu novamente e balançou a cabeça, não queria abrir os olhos. Ela esperou tanto por aquele momento, que não acreditava que estava acontecendo. Ela procurou no *drive* o áudio para relembrar da música que Lia havia feito para ela. Nunca havia tirado essa música da sua *playlist* favorita. Ela chorou mais uma vez e deixou o vento secar seu rosto, segurando o celular firme, apertou novamente o *play* do áudio de Lia.

Lia continuou:

– Uma vida se passou depois que te falei tchau. Mas, quero te perguntar... sobre nossa história juntas: seria um livro de romance, drama ou comédia? E as cenas? Quais você destacaria? Quais deixaria de fora? Quantos personagens teria? Qual seria o título? Aliás, semanas depois do nosso afastamento eu sonhei contigo.

Cigana pausa o áudio mais uma vez, pois a noite anterior também havia sonhado com Lia. Quando elas se relacionavam costumavam contar o sonho uma para a outra, no dia seguinte. Lia adorava escrever em forma de poema seus sonhos

eróticos com Cigana.

No entanto, na noite anterior, não foi isso que Cigana sonhara. Ela lembrava apenas de uma cena do sonho, de Lia deitada sobre uma cama com umas folhas sobre o rosto.

Cigana aperta o *play* novamente com medo do que Lia sonhara. Lia continua a narrar o sonho.

- Eu via você de longe. Você estava indo viajar de avião particular. Contei um grupo de 5 pessoas. Você não chegava a me ver, eu voltava inconsolável para casa. Algum tempo se passou, muitas pessoas perguntavam o que eu tinha. Eu não sabia responder. Como descrever algo que não se vê, apenas sente? Eu não sabia. Então, você aparecia um certo dia na minha janela e gritava para eu abrir a porta, mas por algum motivo eu não conseguia levantar da cama. Você pulava a janela e conversava comigo. Eu parecia não acreditar que era mesmo você a me chamar. Eu só ouvia sua voz porque meu rosto estava coberto por umas folhas. Eu não me mexia, apenas te ouvia e parecia não está ali. Depois de algum tempo, entendi, que não era você que deveria voltar, mas eu que deveria partir.

Cigana dá pausa novamente no áudio. Ela sentia que apesar das coisas terem mudado, dentro dela e fora, seu amor por Lia ainda permanecia ali. Ela queria ter a chance de vê-la mais uma vez. Cigana continua a ouvir o áudio.

- Eu não poderia mais procurar você. Tive que reaprender a ser quem eu era, sem você. Para mim não existia mais nós duas, depois de vê-la desistir, sem ao menos nos dar mais uma chance. Me tornei quem eu sou hoje, para não repetir os erros

de quem um dia já fui. Junto com os cabelos brancos vieram alegrias que não existiriam se eu não tivesse partido, sem esperar por você. Suas palavras foram duras, partiram-me ao meio, mas, enfim, compreendi que aquelas palavras não eram para mim ou sobre mim, aquelas palavras eram justamente para você e sobre você, eu não precisava levá-las comigo. Deixei o que era seu e o que era nosso, escolhi levar apenas o que era meu. Minha essência, alegria, espontaneidade e genuinidade. Hoje não desejo retornar para esse lugar que eu me despedi, mas aqui dentro ainda tem um lugar de amor que você me ensinou a ter por mim. Sempre estive aqui o *mar-de-mim*. Quem sabe um dia, sem hora e lugar marcado, a gente se reencontra. Fica bem!

O áudio termina.

Cigana ainda com os olhos fechados, faz uma oração ao universo para que um dia, no acaso da vida, ela tenha a felicidade de reencontrar Lia.

## SUZANE KELLY DIAS SOUSA REMÍGIO

Artista urbana e aluna do Programa de Pós-Graduação em Artes, UFC (Universidade Federal do Ceará). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo (pelo Centro Universitário Estácio do Ceará, 2019) e Letras (pela Universidade Estadual do Ceará, 2011). Atualmente, pesquisa sobre ruínas de casas. Áreas de interesse: processos de escrita criativa e Artes (Arquitetura, Literatura, Arte Urbana). Contato: [suzanedias@ymail.com](mailto:suzanedias@ymail.com)

## CAMINHOS E LUAS<sup>19</sup>

O clima era festivo dentro do ônibus. Por conta da velocidade, a paisagem na janela se resumia em um borrão, apenas o céu azul demorava. Diante de uma caravana feminina, Ela não conhecia mais do que três pessoas daquele grupo com idades tão variadas. Se dissessem, há 24h, que Ela estaria ali, duvidaria, ainda mais sem planejamento, sem sequer saber para onde estava indo. Mas, naquela excursão, pouca coisa importava.

Ela era um coração partido e solitário há mais de dez meses. Quantas vezes havia descido aos infernos? Já não sabia. Agora seguia de olhos secos e cansados diante do cotidiano. A vida no piloto automático. A semana de trabalho maçante, as doses alcoólicas solitárias, sextas à noite, para adiantar o sono. A casa calada, sem metade dos móveis, apenas a marca no piso revelava o amor ausente. Andava pela maioria dos cômodos de luz apagada, como quem mergulha no vazio. Às vezes observava, da varanda, a rotina dos outros apartamentos, depois, assistia às notícias, sem paciência para acompanhar os desfechos. Evitava o tempo no celular porque gerava uma angústia desmedida. Copo na mão e folheava livros sob um fecho de luz amarelada até a total desatenção da trama. Dormia anestesiada, no vício de não sentir nada.

Naquela noite o interfone tocou. Era a Amiga, dessas da vida inteira, que chega como um vendaval. Foi ligando todas as luzes do apartamento. “Como aguenta viver nessa escuridão?”, reclamava. Ainda sonolenta, Ela esforçava-se para

---

<sup>19</sup> Texto literário inspirado nas *Figuras 17 e 41* (ver: Catálogo de Graffiti).

entender o que a Amiga dizia. “Liguei mil vezes, mas como você não atende, resolvi vir assim mesmo”. Falava rápido e se dirigia até o quarto. “Na última hora, uma vaga para excursão do feriado” - estava organizando há meses tal viagem. Insistia: “um sinal de que você deveria ir”. Em menos de quinze minutos passou as instruções do horário que a buscaria, abriu o armário, fez a mala e, antes que Ela se posicionasse contra, a amiga disse: “você vai!”. Era um misto de súplica e ordem. Ela sorria do esforço da amiga, sua boa vontade em tirá-la daquele fastio de gente e fastio de qualquer aventura, embora, para Ela, viajar ou não viajar fizesse parte de um grande e indiferente “tanto faz”.

Dia seguinte. Ali estava diante da alegria das mulheres desconhecidas. A amiga se dividia na cadeira ao lado, na cabine do motorista e no gerenciamento do que mais aparecesse. Por trás das lentes escuras, Ela escondia o acúmulo de noites mal dormidas e das ressacas. Observava a conversa alta. Sequer sabia para onde estavam indo, só se deixava ir. As mulheres criavam expectativas sobre o passeio e rememoravam os fatos engraçados da viagem anterior. Possuíam uma sintonia de irmãs que completavam as frases umas das outras, sorriam de verdade como se a vida, fora dali, encontra-se pausada e estivessem dando continuidade à vida paralela de peripécias e a delícia que era estarem reunidas. Ela, por sua vez, não se contagiava com a vibrante alegria de viver daquelas mulheres. Sentia-se contraste, destoante, estava mais para o inosso da existência. Duvidou se estava no lugar certo, pensou em desistir. “O que que eu tô fazendo aqui?”. Há muito tempo Ela não assistia ao entusiasmo alheio, muito menos vivenciá-lo. Há muito tempo estava contaminada de emudecimentos. Não queria baladas, bares,

contatos, não planejava os dias de folga, nada. Muxoxo na boca só de pensar. Estava na maior parte do tempo distraída vendo a vida passar, sem alarde, sem nitidez. Apática. Acordava vez ou outra no espanto de ser gente, na vida já acontecendo enquanto lavava a louça, pagava o boleto, caminhava na rua movimentada, no som alto da buzina, no susto do jantar queimando, no olho no olho de alguém que lhe indagava. Embora desperte, logo tudo volta a sua paleta de cores desbotadas, tal qual uma lente embaçada e, assim, a vida segue em desinteresse, entregue a uma preguiça de viver. Ela havia se tornado fantasma de sua própria história sem título-nome e provida de poucas falas.

Às vezes, nesses minutos relâmpagos de consciência quando era convocada, Ela se via inteira e de longe, via que estava à beirada da vida e a vida era o abismo onde tinha de cair, se colocar em jogo, se jogar. Porém, insistia em demorar-se nas superfícies, na segurança do raso que já se conhecia, se entendia e entedia. Houve tempo que queria pedir ajuda, mas até isso perdeu as forças. Faltava-lhe o impulso, as iniciativas. A vida desperta tornou-se o sonho irritante onde o grito existia, mas não saía sem e, de alguma forma, se conformava com sua situação de não resgate. Evitava afetar-se. Medo do fracasso, medo do sucesso, parece que neste o golpe vem mais forte.

O ônibus fazia paradas no caminho e mais mulheres entravam, em mais alegria tudo se desenhava e aquelas vozes faziam um fundo sonoro como uma ladainha. Ela foi tomada por uma sonolência cada vez maior, talvez fosse a ressaca ou, somado a isso, o próprio som das falas no veículo a foi cansando e conduzindo ao sono. Dormiu profundamente.



Sonhou diante de uma porta antiga, a maçaneta escura girava fazendo um barulho que ecoava (tão estrondoso que parecia destrancar algo em si mesma). Dava em um vão de escadas de emergência que desciam. Uma janela rosácea alta iluminava o vão, a pouca luz dava ciência que era noite. Ela avistou que, no último degrau daquele espaço, o areal e a espuma da onda rasa entravam por um portal em arco. Havia uma praia lá fora e com poucos passos estava com os pés, as pernas, o peito, os cabelos no mar de ondas macias. No céu duas luas em fases diferentes banhavam tudo de azul. Ela sorria diante da imensidão. A lua cheia brilhava tanto que seus raios pareciam uma chuva suave de luz. Ela sentia acender suas luzes e podia compreender-se em cada partícula lavada. Achava-se tão livre ao ponto de ser diluída nas águas e sentir no seu corpo a pele dos peixes. A maresia a inebriava e trazia cheiro de algas frescas. Ao focar na fragrância foi transportada para outro lugar onde já não sentia a textura das águas. Voltou a ser um corpo inteiro e estava de papo para o ar. No chão de uma floresta e acima da copa das árvores as luas indicavam a mesma noite clara. Desnorteada, sentou-se. Percebeu que um cipó de forma bagunçada dava voltas em seu corpo, da cabeça aos pés. Tudo estava envolvido numa névoa transcendente, no matagal sem fim. De repente escuta uivos. O som foi tão alto e agudo que atravessou seu corpo e a fez vibrar arrepiada. Não havia medo, apenas fascínio e aceitação. Dois seres se aproximavam, farejavam-na (Ela sabia). Na silhueta pareciam lobas peludas, mas quando chegaram perto eram duas cadelas esguias, tão pretas que pareciam sombras de olhos brilhantes. Sentaram-se mansas. Inclonavam a cabeça, como se aguardassem um sinal seu. Assim que levantou, ainda coberta pelo cipó, as cadelas vieram roçar a cabeça em seu corpo pedindo afago, logo, uma de cada

lado, puseram-se a uivar em sua direção. Ela estremeceu novamente porque as ondas sonoras alteravam sua frequência interna. Sentia vertigem como se virasse do avesso. O fio, por sua vez, deslizava coordenado pelo som. Os pássaros se agitaram e partiram em revoada, apenas um deles se aproximou. Quando os uivos cessaram, Ela sabia que devia segui-las. E foi, mas antes sentiu-se solta, viu no chão fértil o filamento que deixava de se mostrar emaranhado. Uma voz interna dizia que aquele era o fio de sua existência e estava desacorrentada dos enredos confusos que havia criado. Amarrou-o na cintura e reconectada com esse elo viu a imensa ave agarrar a outra ponta do fio e alçar voo, fazendo-a sobrevoar o labirinto da mata. Nesse voo, experimentou uma leveza de quem se descobre sã depois de tanto tempo enferma. Lá de cima das copas Ela acompanhava o vulto das cadelas que corriam à frente e viravam éguas com crinas negras de pelo sedoso e brilhante. Ela já não se espantava com as transmutações das coisas, eram encantamentos do real. Entendia que a solidez, a constância, e o inalterável é que eram as grandes ilusões. O trotar livre das éguas macerava as ervas que perfumavam o caminho e no voo Ela fechava os olhos para sentir o aroma impregnar seu corpo. A ave a deixou na última árvore da floresta. O nó se desfez e o fio deslizou até cair numa extensa poça, tornando-se cobra até sumir nas águas.

Após a floresta se via um descampado e um pequeno vilarejo. As éguas se aproximaram e pararam próximo ao tronco. Ela desceu até o galho mais baixo e dele montou no dorso de uma delas que a conduziu até o vilarejo. Os postes acesos civilizavam o espaço, mas a madrugada guardava parte das pessoas em

seus sonhos - pensava. A égua subia e descia nas estreitas ladeiras. As portas das casas davam nas ruas de pedra e todas as janelas traziam flores penduradas. O animal parou diante de uma pequena ponte sobre o riacho sinuoso e por mais que insistisse não se movia. Tal ponte levava até a outra margem com mais casas e por trás delas um som de vozes era trazido pelo vento. Ela despediu-se do bicho, que logo sumiu na paisagem. Atravessou a ponte caminhando devagar, contemplou a correnteza, o som das águas lambendo as pedras e olhou as luas que ainda estavam altas. Entre as casas, um beco levava até onde estavam as pessoas. Era uma área circular rodeada de botecos e mais becos. Apenas um estabelecimento aberto com algumas mesas ocupadas do lado de fora. Ela caminhava observando alguns detalhes. No centro desse pátio havia um círculo baixo feito em alvenaria como uma fonte, mas sem água, somente lenha ao meio. Porém, o que mais chamava a atenção era a unanimidade de mulheres. Seria um vilarejo feminino? Não se sabe. Mas era noite, uma noite fêmea.

Passou pelas mocinhas que ajustavam passos de dança e falavam sobre o figurino esvoaçante e os penteados floridos umas das outras. A jovem mais observadora e falante reparou sua chegada, captou seu olhar estrangeiro e seguiu seus passos perguntando baixinho: “quando você olha, você vê? E se vê, você sente? E se vê, o que pensa?” Não esperava respostas porque, logo em seguida, sorriu e retornou para as amigas de flores nos cabelos. Passado o sobressalto das indagações Ela passou por mesas cheias de mulheres que gargalhavam sobre assuntos variados. Mais afastadas das luzes do boteco, viu outras que exerciam seus flertes conversando ao pé do ouvido. Quando, finalmente, entrou no recinto estreito,

musicistas davam início a uma cantiga alegre. A plateia aplaudia, cantando junto. Ela quase podia tocar nas ondas da música, sentia o corpo convidado a dançar tais batidas no salão, mas resistiu. Encostou no balcão e a atendente logo trouxe uma caneca cheia. Simpática, ofereceu e atravessou o salão servindo outras pessoas. O líquido era frio, escuro e muito cheiroso. Tinha o cheiro das ervas que sentiu quando estava no mar e na floresta. Bebeu, cautelosa, e riu de si mesma quando percebeu que era apenas um chá - embora fosse tão forte e intenso que poderia embriagar-se. De cura?

Ela voltou ao pátio e, com sua bebida na mão, sentou-se numa mesa desocupada. A música foi acabando e as vozes silenciaram. Todas as pessoas reuniram-se no pátio quando um pequeno grupo de vinte mulheres com cestos de palha surgiu do beco escuro. O grupo vinha guiado por três pessoas cobertas por um manto vermelho com capuz na cabeça. Nesse trio, duas traziam tochas acesas nas pontas, enquanto a do meio carregava uma chave dourada no colar, e, ao seu lado, as mesmas duas cadelas lhe faziam companhia. Foram todas até o centro e acenderam a lenha com as tochas. Ao redor das chamas que se formavam as outras moças puseram as refeições que traziam em seus balaios e distribuía-m naquela alvenaria circular que, a partir dali, servia de balcão central. Ainda, diante do fogo, as três mulheres romperam o silêncio falando línguas desconhecidas. Sussurravam palavras que só elas entendiam e uma rajada de vento veio mais forte aumentando as labaredas, empurrando as nuvens no céu e fazendo as luas brilharem mais. Após um breve silêncio, a do meio pôs-se a recitar poesia e sua voz era tão envolvente que podia criar, destruir, pausar,

restituir o que fosse de sua vontade. Seria uma língua deusa ou o verbo divinal? Nenhum ser que quisesse, poderia reproduzir a sequência de suas palavras, mas entendiam a mensagem que projetava e seu poder de cumprimento. Estavam ali os versos, inaugurando novos ciclos, como quem tece as viradas do próprio tempo e espaço, apontando novos caminhos que se não existiam agora, desenhavam-se na linha da existência porque ao que tudo dissesse era feito. Era a influência que determinava os fatos, a força que trazia à pele a emoção das pessoas, as lágrimas aos olhos e entendia das vísceras quentes o que nos é manifestado como Mistério. Quando o silêncio pousou na sua boca a sensação fora de que o mundo era outro, renovado e jovem.

Sentada à mesa, Ela viu as demais moças caminharem até àquelas três mulheres. Cercaram e retiraram, com respeito, os mantos vermelhos que foram levados no balaio de uma delas. De longe apenas dava para avistar a aglomeração. Misturaram-se ao ponto de não se saber quem eram, daquele grupo, as três de destaque que, antes, vestiam os mantos e a que recitava os versos. Camuflaram-se e confundiam a plateia. Poderia ser qualquer uma. Depois o próprio clã dissipou-se no público. Ela estava intrigada com esse detalhe, mas acreditou que fosse de propósito. As demais espectadoras seguiam com a naturalidade de saber que isso sempre acontecia. Finalizado o ato, a música feita no salão voltou a ser ouvida, aplaudida e com o coro de vozes felizes que acompanhavam os instrumentos de corda, percussão e sopro. Algumas pessoas dirigiam-se até as refeições no balcão do pátio e se alimentavam. Outras moças serviam às mesas uma pequena porção. Um pouco mais distante, Ela percebeu que alguém a observava. Uma senhora

acenou discretamente e a chamou em gestos para ir à mesa onde já havia quatro pessoas. Olhou para os lados, achou que estava sendo confundida e apontou para si mesma: “eu?”. Uma balançada afirmativa de cabeça sugeria que sim. Timidamente, Ela foi. A mesa era a mais extensa com bancos nos dois lados e cadeiras na ponta. A senhora estava na cadeira que melhor via o movimento. Tinha em seus cabelos longos muitas mechas brancas e seu olhar era tão afetuoso que parecia uma avó boa. Disse que estavam esperando a refeição e a convidou para que comessem juntas apontando o banco ao seu lado. As outras mulheres foram cordiais para com a novata, mas logo voltaram a conversar entre si com alegria. A senhora perguntou como se deu a chegada até o vilarejo. Por água, ar e terra, Ela resumiu, sentando-se. A senhora riu levantando o copo: “um brinde para a viajante!”. Todas, na proximidade, brindaram. Antes da conversa continuar a refeição chegou onde estavam. Veio pelas mãos da moça que, mais cedo, a viu chegar. Novamente, a jovem a indagou antes de afastar-se: “na vida você se nutre de quê?”. A senhora ouviu a provocação atentamente e Ela podia jurar que o sorriso da anciã e da jovem eram iguais. Focou nas porções que vinham em trouxinhas de pano que cabiam na palma da mão. Ela comeu devagar, pôde identificar algumas frutas, grãos, mas, no geral, não saberia falar a respeito do que se alimentava.

Ela estava tentando adivinhar com o que parecia aquele sabor quando viu chegar a mulher mais linda que já passou diante de seus olhos. Foi como uma espécie de palpitação em desatino. Tuc. Ecoou dentro. Tremeu diante do arrebatamento, mas já estava entregue. Viu em câmera lenta a mulher mais linda contornar a

mesma mesa. Trazia nas mãos uma jarra com o conhecido chá e na outra uma taça com uma bebida diferente. Serviu a bebida para as amigas que faziam brincadeiras e gracejos. Ela acompanhava com o olhar, sorria de graça, se iluminava a cada passo da mulher mais linda que se aproximava. Quis se recompor, percebendo-se tão envolvida. Desviou o olhar buscando nas mãos a caneca vazia. A mulher mais linda, enfim, sentou-se no banco à frente, e entregou a taça para a senhora, que logo dedurou a novata. “Veja, temos conosco uma viajante”. Foi quando pela primeira vez se miraram, olho no olho por um tempo significativo e Ela sentia uma chama queimar e estalar a lenha dentro do peito. Talvez fosse neta ou filha da senhora porque, de algum modo, os olhos e os gestos eram semelhantes. “Quer chá?”, ofereceu o líquido da jarra a fim de quebrar o silêncio constrangedor. Ela disse: “sim”. Para a mulher mais linda diria todos os sins, apesar da vertigem que amolecia suas carnes, do suor frio que descia pelas costas.

Para Ela, aquela mulher era uma frase longa dessas de faltar o ar. Aquele sorriso distraído recreava sua alma, como foguetes de festa. Aos seus olhos sua existência equilibrava o mundo. Em cada gesto seu, Ela enxergava a lógica da Natureza tê-la inventado. A vida fez sentido, apesar de ser a vida um tabuleiro de pontos de interrogação. O mundo em desalinho dos traumas, das doenças sem cura, dos desamores e da miséria humana se fez harmonioso e no prumo. Fora do eixo estava Ela, que flutuava no torpor daquela revelação. Parecia que amava pela primeira vez, tamanho era seu encantamento.

A senhora, que parecia ler os pensamentos e sentimentos que se avolumavam,

sugeriu em tom aveludado, “você poderia apresentar partes do vilarejo para Ela. Aproveita o sol que ainda dorme”. Sorrindo, a mulher mais linda, respondeu: “claro, venha comigo!”. Ao ouvir a voz, sentia que a conhecia, mas não desvendava de onde. A mulher mais linda agia como se soubesse do fascínio que produzia, mas não se alimentava dessas vaidades, também se deixava envolver, correspondia. Caminharam por alguns minutos se observando, caladas. Saíram da multidão de mulheres. Cruzaram o beco escuro, a ponte e chegaram na curva da rua. Encostaram as costas na parede de pedra e olharam para as luas. Teve coragem de perguntar: “o que é esse lugar?”. “Um sonho”, ouviu de resposta. “Não é! É mais...” e antes de concluir, a mulher mais linda a olhou no fundo dos olhos e disse: “que seja, você apenas não quer saber, porque, ainda, não quer que acabe.”

Não queria mesmo. Aproximou-se da mulher mais linda e segurou sua mão que, sem resistência, inclinou todo o corpo em sua direção. Com a outra mão, Ela mapeou cada poro daquele rosto, esteve presente em cada dedilhar sem pressa. Sentia a textura do tempo lento, desacelerado. Pensou em deixar decretado o desligamento de todas as máquinas, o adiamento do romper do dia, para gastar as horas naquele contato, pele na pele e se demorar. Pensou, mas logo dispensou, estava disposta apenas a sentir. A respiração longa que as envolvia formava uma nuvem úmida, afrodisíaca. Finalmente, o beijo na curva da rua. Suas flores desabrochadas na madrugada sublime. Na fluidez do tatear manso mergulharam nas águas do desejo uma da outra até o prazer escorrer sobre a carne trêmula em brasa. Se amaram até suspirarem bambas em relaxamento, pareciam estar na



leveza de um colchão de espuma marinha. Recuperadas as forças, caminharam leves e se sentaram em um muro baixinho que via as ruas se cruzarem.

“Parece que estou viva”, Ela declarou. “E não estava antes?”. “Acho que não... não sei.” Lembrava dos últimos meses, apagada. Não se sentira assim, estando ali. Perguntou: “a gente pode morrer aqui?”. “Só se for para renascer em um novo ciclo, porque a morte mesmo é uma palavra mal interpretada, só a criação existe”. Ela ainda tinha dúvidas, a revelação de que estava consciente em um sonho voltou a rondar e Ela perguntou, “Então, neste meu sonho, tudo é criação da minha cabeça? As cadelas, os peixes, o mar, o pássaro, o voo, as luas de fases diferentes, as ervas, o coro das vozes, a fogueira, as palavras divinas que alteram o tempo, eu inventei todas essas coisas? Eu inventei você?” A mulher mais linda sorriu com enternecimento. “Ei, calma aí. Quem disse que o sonho é seu? Quem é a viajante aqui, hein? Sonho não é DE alguém, sonho, geralmente, é PARA algo.” “Então, para quê, tudo isso?” “Você não sabe mesmo?” Seu olhar perscrutou a alma à frente. “Talvez este sonho sirva para você acordar”, completou. “Nossa! Um sonho para acordar, que clichê! Não é?”, sorriram. “Às vezes só queremos viver a simplicidade de um clichê, é seguro e depois podemos ousar.” Ficaram em silêncio se olhando. A mulher mais linda se aproximou e disse baixinho: “Tudo que viveu é real e você sabe disso”. “Então eu não inventei você?”. “Jamais! Como poderia, se sou mais velha que os deuses?” Sua expressão amável, semelhava à Senhora na ponta da mesa, lembrava o modo da jovem que adorava lançar perguntas e aquela voz (consequia agora distinguir) era da mulher que recitou versos com capuz vermelho. Concluiu que de algum modo eram a

mesma essência.

Ela ainda estava processando as informações, sabia no fundo do seu ser que era verdade tudo o que ouviu e viveu. Estremeceu. Pela primeira vez, ali, sentiu o medo. Não do lugar, mas do despertar. Medo da covardia dominá-la novamente. Ali, sentia-se outra, mais forte. A mulher mais linda, antevendo a alvorada, levantou-se. Frente a frente segurando as mãos da viajante, guardou nelas a chave dourada que trazia no bolso, encostando as testas e disse: “Coragem, não precisa ter medo das sombras, minha amada!”. Suas palavras ecoavam apaziguando a alma vacilante. Sabia que a mulher mais linda nunca seria seu par. O que a impactava era o que reverberava daquela mulher em si mesma. Algo como quem se encontra. Como quem resolve uma equação difícil e respira em suave alívio. Sentia em si ânimo novamente. Ao longe pode ouvir a batida de tambores, o toque das flautas e as vozes femininas a cantarolar mantras para os últimos raios lunares. “É aqui que nos despedimos e você segue sua viagem”, disse apontando uma casa na outra esquina. Na parede chanfrada, uma porta que parecia ser tão velha quanto o vilarejo, trazia em sua moldura uma cobra esculpida na madeira com a boca próxima a fechadura. Pôs a chave e girou. O ato acionou um mecanismo que fez a cobra se mover e, como um disparo, picar a mão de quem girasse a maçaneta. As gotas de sangue selavam novos territórios de vida e de sabedoria. Diante do pequeno hall, uma escada levava ao pavimento superior iluminado de sol. Subiu dois degraus e admirou, uma última vez, o vilarejo noturno e a mulher mais linda. Estava no cruzamento, cercada pelas duas cadelas pretas e sobre seus ombros uma cobra dava voltas até o braço.

Despediram-se com olhares de serenidade até a luz vestir o ambiente.

Quando acordou, estava tomada de sol, na poltrona do ônibus desligado. Mulheres dormiam enquanto as demais desceram para um restaurante, à beira da estrada. No silêncio pode lembrar, maravilhada, de cada detalhe do sonho e sentia algo em si alterado, vivo. “Dá para mudar no intervalo de um sonho?”, passou pela cabeça. Uma convicção tomava de conta. Teve que dizer em um sussurro: “não foi sonho”. De algum modo, Ela acreditava que essa imersão era uma espécie de portal: um despertar? Uma reconexão? Um giro de chave. Antes do transporte seguir viagem a Amiga não a encontrou. Na poltrona, apenas as chaves do antigo apartamento escuro deixadas para trás e um bilhete escrito: já sei para onde vou.

## Z I R E I S

Mainha de Odé. Artista visual, grafiteira, poeta e cineasta.

Contato: @zireisoficial

<sup>20</sup>Mais um dia de calendário riscado.

Hoje ele não dormiu ao meu lado.

É estranho não sentir suas perninhas chutando a minha barriga, ou choramingando sem motivo algum.

Eu quase não durmo mais: dou leite, peito; eu quase não escrevo mais, nem em papel ou celular. Seria eu alguém que fui e nunca mais vou ser?

De repente, tudo parece voltar ao normal, apesar da guerra na Ucrânia, e das possibilidades de bombas nucleares. Já é possível ir a *shows* e bares.

Mas no sacolão se tornou impossível fazer a feira como antes. Até o pãozinho se tornou picado, o cigarro picado ficou raro... Mais um dia, amanhã acordo cedo, não tenho a passagem para o ônibus, apesar de não poder me atrasar. O salário ainda não caiu, já pedi dinheiro emprestado outra vez e quando ele cair vai ser pra pagar quem eu devo e começar tudinho de novo outra vez.

Era pra ser um poema

Mas quase não há rima.

É que o ritmo está tão diferente

Apesar de tudo ter parecido voltar ao normal.

Mãe periférica

“Quem olha por nós?”

---

<sup>20</sup> Texto literário inspirado na *Figura 44* (ver: Catálogo de Graffiti).

Num país onde se gasta mais com Viagra do que com educação,  
num país onde o garimpo é legal em terra indígenas,  
onde garimpeiros violam crianças indígenas,  
e tem muita gente que diz que ainda vai votar nesse cuzão:  
vocês sabem a quem me refiro!

Mas não repetirei seu nome  
até o que o mesmo seja esquecido.

Eu não consigo mais rimar?

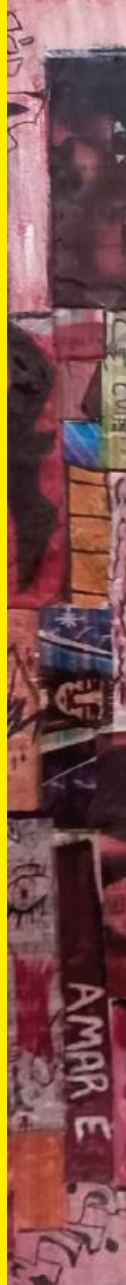
Eu queria escrever sobre a luta  
mas existir já é tão complicado.

Eu tenho me esforçado um bocado  
o sorriso não para mais arqueado,  
é provável que o tempo já tenha acabado.

Hoje eu sei que meu Pequeno dorme ao meu lado.

Eu irei paparicá-lo. Distribuir denigo  
até que ele adormeça, até que eu esqueça que tudo parece ter voltado ao normal

Eu que não!



CATÁLOGO  
DE  
GRAFFITI

Figura 1.

Por: Mais que Rosa, 2019

@maisquerosa



(Da esquerda para a direita: Amanda Oliveira vulgo amalinha, Ceci shiki, Camila Cristina vulgo Mila, Debycomd, Geórgia Cardoso)



Figura 2.

Por: Ellen Abreu

@artistadecasa



Figura 3.

Por: Camila Cristina: MILA

@camilacris



Figura 4.

Por: Beatriz Rodrigues

@suachapa



Figura 5.

Por: Ceci Shiki

@cecishiki e Dinha.



Figura 6.

Por: Alexandra Ribeiro  
(Dinha)

@alexandraribeio0



Figura 7.

Por: Nilza Liliana Silvestre  
Martins

@lilo797



Figura 8.

Por: Ana Clara Mendes

@anaclara\_mnds



Figura 9.

Por: Narah Adjane

@narahadjane





Figura 10.

Por: Georgia Cardoso

@georgia.Cardoso



Figura 11.

Por: Raquel Santos

@Quelquelquelquel



Figura 12.

Por: Alexandra Ribeiro  
(Dinha)

@alexandraribeio0



Figura 13.

Por: Raquel Santos

@Quelquelquelquel e Camila Pinheiro @camilapinheiroalbu



Figura 14.

Por: Alexandra Ribeiro

(Dinha)

@alexandraribeio0



Figura 15.

Por: Letícia Ribeiro

@mulher\_diabo



Figura 16.

Por: Camila Cristina: MILA

@camilacris



Figura 17.

Por: Suzane Dias

@dias\_\_dias

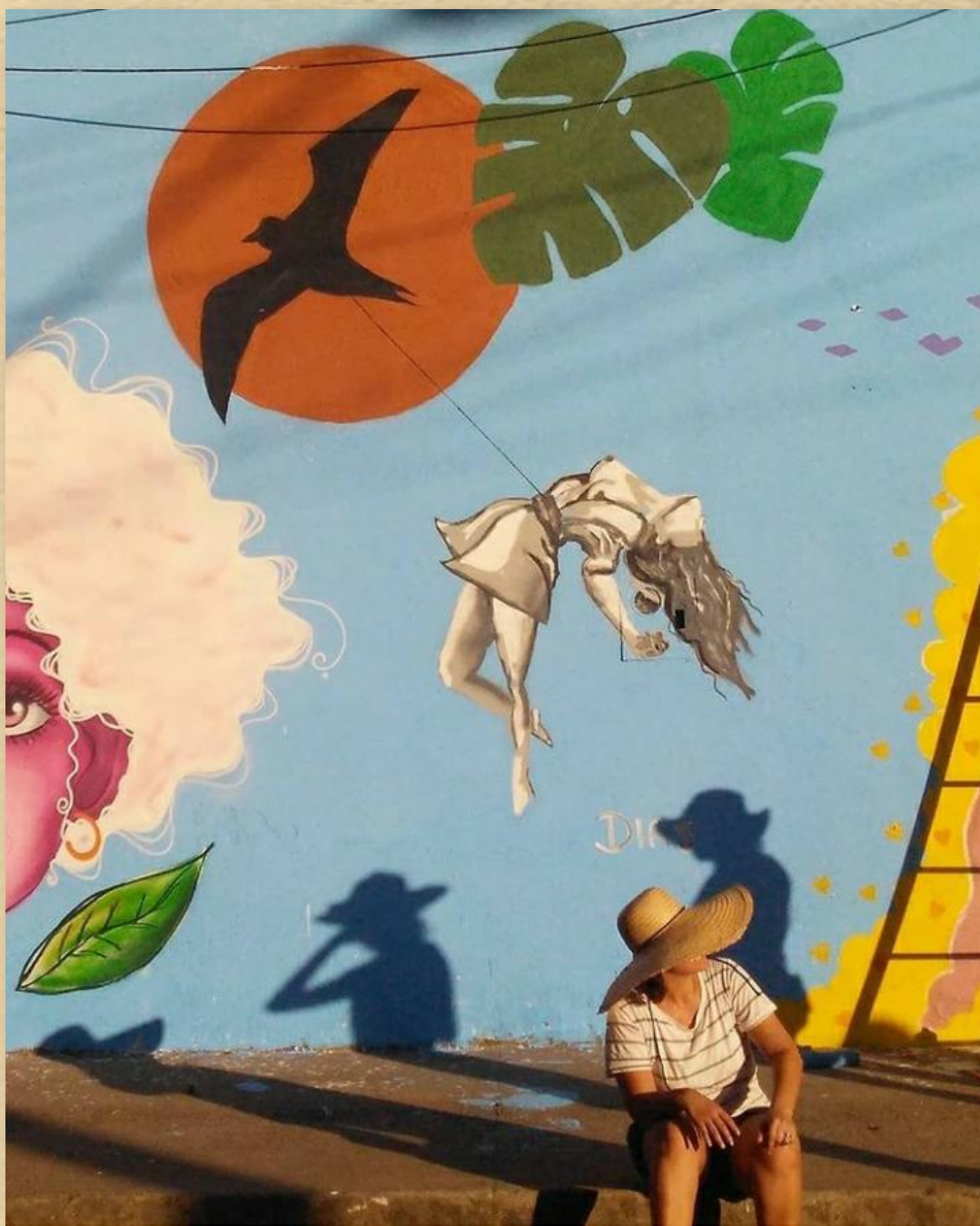




Figura 18.

Por: Gabriela Queiroz

@gabiqrz, no Mais que Rosa 2021; @maisquerosa

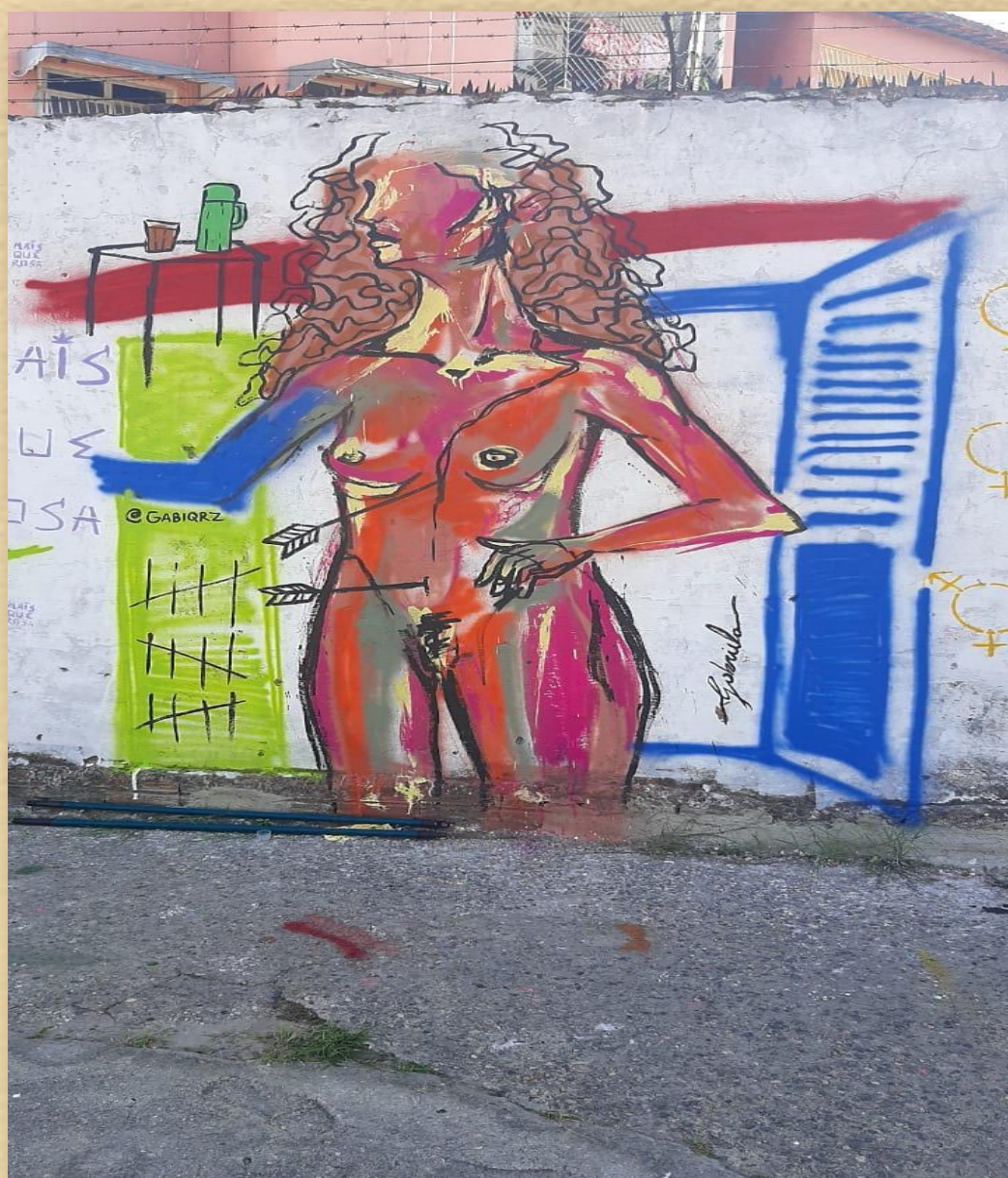


Figura 19.

Por: Ana Clara Mendes

@anaclara\_mnds



Figura 20.

Por: Raquel Santos

@Quelquelquelquel



Figura 21.

Por: Andressa Mendes vulgo  
panterinha

@pedalabobine no Mais que Rosa 2021;

@maisquerosa



Figura 22.

Por: Andressa Mendes

@pedalabobinhe



Figura 23.

Por: Narah Adjane

@narahadjane



Figura 24.

Por: Érica Nógui

@ericanogui



Figura 25.

Por: Érica Nógui

@ericanogui





Figura 26.

Por: Milena Fernandes

@desenhosmilenaes



Figura 27.

Por: Noemi Carneiro

@carneiro\_noemi



Figura 28.

Por: Narah Adjane

@narahdjane



Figura 29.

Por: Suzane Dias

@dias\_\_dias



Figura 30.

Por: Narah Adjane

@narahadjane



Figura 31.

Por: Renata Froan;

@rfroan



Figura 32.

Da esquerda pra direita: Raquel Santos, Emily

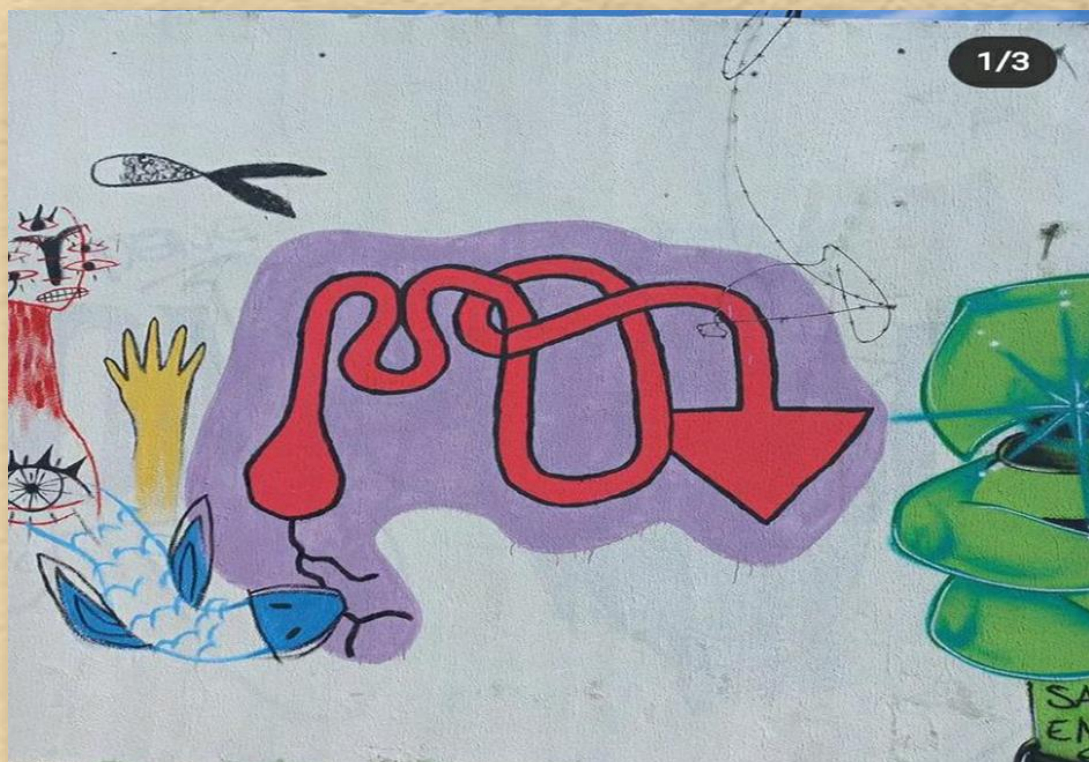
@flama\_cria e Bruna Bacelar vulgo @brooks\_gnt



Figura 33.

Por: Letícia Ribeiro

@mulher\_diabo





## Figura 34.

Da esquerda pra direita: Beatriz Gurgel, Renata froan  
e Letícia Ribeiro; @mulher\_diabo



Figura 35.

Por: Camila Pinheiro

@camilapinheiroalbu



Figura 36.

Por: Beatriz Rodrigues

@suachapa

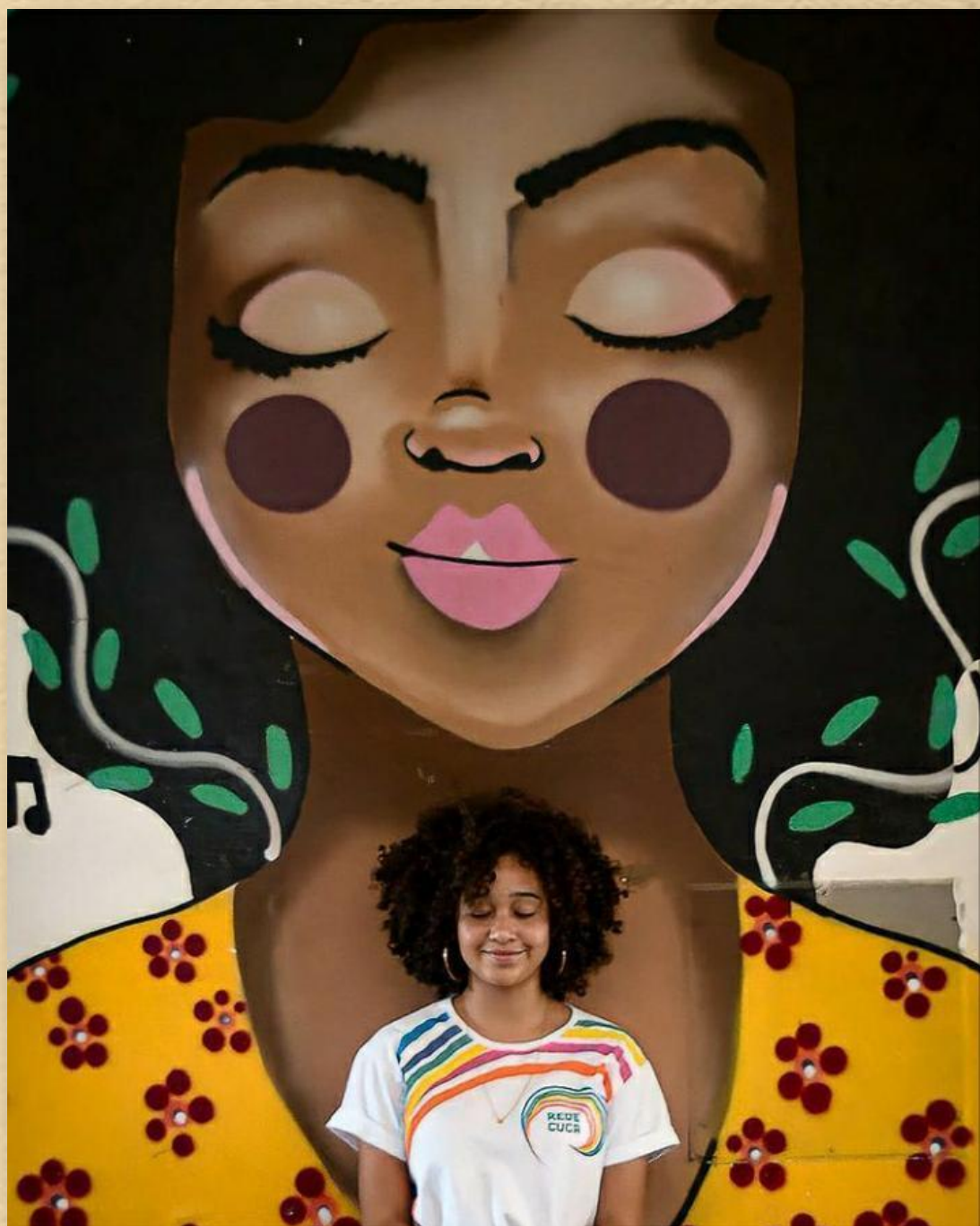


Figura 37.

Por: Alexandra Ribeiro

(Dinha)

@alexandraribeio0



Figura 38.

Por: Ceci Shiki

@cecishiki



Figura 39.

Por: Alexandra Ribeiro

@alexsandraribeio0



Figura 40.

Por: Marcela de Quintieri

@ondasdamar



Figura 41.

Por: Alice Dote

@alicedote





Figura 42.

Por Erika Miranda

@cigana



Figura 43.

Por Erika Miranda

@cigana



Figura 44.

Por Erika Miranda

@cigana



**CAPA**

Jo A-mi

**Diagramação**

Joélia Rodrigues da Silva

Entre elas / Organização de Jo A-mi –  
Fortaleza: Edição independente, 2023

130 p.

ISBN 978-65-00-63829-5

1. Contos. 2. Graffiti. 3. Arte urbana. 4.  
Mulheres

